



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTAVEL DO SEMIÁRIDO  
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO DO CAMPO  
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

**BRUNA SILVESTRE DE OLIVEIRA**

**GÊNERO E EDUCAÇÃO: a diversidade sexual no contexto escolar**

Sumé- PB

2015

**BRUNA SILVESTRE DE OLIVEIRA**

**GÊNERO E EDUCAÇÃO: a diversidade sexual no contexto escolar**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Ciências Sociais, do Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido, da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito para obtenção do título de graduado em Licenciatura em Ciências Sociais.

Orientador: Professor Valdonilson Barbosa dos Santos

Sumé-PB

2015

O482g Oliveira, Bruna Silvestre de.

Gênero e educação: a diversidade sexual no contexto escolar / Bruna Silvestre de Oliveira. - Sumé - PB: [s.n], 2015.

64 f.

Orientador: Prof. Dr. Valdonilson Barbosa dos Santos.

Monografia - Universidade Federal de Campina Grande; Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido; Curso de Licenciatura em Ciências Sociais.

1. Educação - Escola. 2. Gênero - Sexualidade. 3. Sociologia educacional. I. Título.

CDU: 37.06 (043.3)

BRUNA SILVESTRE DE OLIVEIRA

*"GÊNERO E EDUCAÇÃO: a diversidade sexual no contexto escolar"*

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Ciências Sociais do Centro Desenvolvimento Sustentável do Semiárido da Universidade Federal de Campina Grande como requisito para obtenção do título de licenciado em Ciências Sociais.

**Aprovada em: 02/12/2015.**

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Valdonilson Barbosa dos Santos  
(Orientador – CDSA/UFCG)



Prof. Dra. Carolina Silva de Medeiros  
(Examinadora Titular – CDSA/UFCG)



Prof. M.C. José Marciano Monteiro  
(Examinador Titular – CDSA/UFCG)

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus por ter guiado meus caminhos e me abençoado para que eu chegasse até aqui. A minha mãe Gilvanice por sempre ter me apoiado nos momentos mais difíceis me incentivando sempre a continuar e me ajudando no que fosse preciso para eu não desistir nunca de lutar pelos meus objetivos.

A minha família que sempre torceu muito por mim, me dando sempre palavras de apoio e incentivo, aos meus amigos que sempre estiveram do meu lado, tentando me ajudar e incentivar a trilhar para o caminho da vitória. Ao meu ex-namorado David que, apesar de não estarmos mais juntos, sempre me apoiou, me socorreu nos momentos difíceis, me encorajando a seguir em frente.

Aos meus professores por sempre estarem dispostos a ajudarem tirando dúvidas, e procurando passar seus conhecimentos da melhor maneira possível, contribuindo assim para minha formação acadêmica. Em especial meu orientador Valdonilson por ter me ajudado nessa caminhada.

E por fim, a todos os meus colegas de classe, amigos, conhecidos que com uma palavra de motivação, me instruíram a continuar, sou muito grata a todos vocês.

“A construção do ser social, feita em boa parte pela educação, é a assimilação pelo indivíduo de uma série de normas e princípios – sejam morais, religiosos, éticos ou de comportamento – que balizam a conduta do indivíduo num grupo. O homem, mais do que formador da sociedade, é um produto dela.”

Émile Durkheim

## RESUMO

O presente trabalho busca investigar de que forma a questão de gênero e diversidade sexual estão sendo trabalhadas no Ensino Médio pelos professores, assim como demonstrar qual a relevância da inserção do tema no currículo do Ensino Médio. Dessa forma, realiza-se um breve percurso na história, destacando-se as definições do termo gênero para alguns autores, assim como a sexualidade que é construída socialmente, em seguida, buscou-se analisar as relações de gênero e sexualidade nos currículos escolares, tal como as transformações sociais que ocorreram ao longo do tempo. Considerando, tais mudanças à escola deve possibilitar o desenvolvimento do pensamento crítico e reflexivo dos alunos, assim como a desnaturalização do preconceito. Com este propósito, o trabalho mostra como as configurações de gênero estão sendo trabalhadas na escola, e o que os alunos compreendem sobre o assunto, para tanto foi necessário realizar entrevistas com professores da escola, com a diretora da instituição e com alunos adolescentes do Ensino Médio. Podemos constatar com as entrevistas efetuadas que o preconceito e a discriminação contra os homossexuais estão presentes, não só na sociedade como também no ambiente escolar, existindo assim, uma necessidade da instituição ensinar assuntos ligados à sexualidade em sala de aula, para desmistificar esse preconceito existente.

**Palavras-Chave:** Gênero. Sexualidade. Preconceito. Escola.

## **ABSTRACT**

This study aims to investigate how the issue of gender and sexual diversity are being worked in high school by the teachers, as well as demonstrate the relevance of the theme of integration into the high school curriculum. Thus, there will be a brief course in history, especially the gender term settings for some authors, as well as sexuality is socially constructed, then attempted to analyze the relationship of gender and sexuality in school curriculum, as social changes that have occurred over time. Considering such changes to school should enable the development of critical thinking and reflective of the students, as well as the denaturalization of prejudice. To this end, the work shows how gender settings are being worked at school and what students understand about it, therefore it was necessary to conduct interviews with school teachers, with the principal of the institution and with the high school students. We note with interviews made that prejudice and discrimination against homosexuals are present not only in society but also in the school environment, having thus a need for the institution to teach subjects related to sexuality in the classroom, to demystify this existing bias .

**Keywords:** Gender. Sexuality. Preconception. School.



## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>2 GÊNERO E SEXUALIDADE COMO CONSTRUÇÕES SOCIAIS</b> .....	15
2.1 RELAÇÕES DE GÊNERO E DIVERSIDADE SEXUAL NOS CURRÍCULOS ESCOLARES .....	18
<b>3 REVELANDO E DISCUTINDO OS DADOS COLETADOS</b> .....	24
3.1 CONCEPÇÕES DOS PROFESSORES A CERCA DE RELAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE NA ESCOLA .....	24
3.2 CONCEPÇÕES DA DIRETORA DA ESCOLA A RESPEITO DE RELAÇÕES DE GÊNERO E DIVERSIDADE SEXUAL NOS CURRÍCULOS ESCOLARES .....	31
3.3 ENTENDIMENTO DOS ALUNOS SOBRE QUESTÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE NO ESPAÇO ESCOLAR .....	36
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	51
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	54
<b>APÊNDICE</b> .....	56

## 1 INTRODUÇÃO

A escola é o lugar que frequentamos para estudar e aprender vários conteúdos, além de proporcionar o convívio em grupo e fazer amizades. É uma instituição concebida para o ensino de alunos sob a direção de professores. É um espaço social que tem um papel fundamental na formação de cidadania, sendo aluno ou professor sua importância para nosso crescimento como cidadão é imensurável.

Nesse sentido, a escola surge como um dos lugares responsáveis pela socialização, onde os alunos irão aprender que são pertencentes de cada gênero, tendo assim seus papéis sociais constituídos (CAMPOS, 2009).

A humanidade é formada por seres plurais e diversos quanto à maneira de ser, sentir, raciocinar e agir. Essas pluralidades e diversidades também se aplicam à forma como nos relacionamos afetivamente e sexualmente com as outras pessoas. Isso implica dizer que não existe uma única forma de relação, que seja “natural”, “certo” ou “normal”, ao contrário, as possibilidades são inúmeras. Contudo, as pessoas que tem o comportamento sexual diferenciado sofrem preconceitos e acabam sendo tratadas com desrespeito pela maioria da população.

Os indivíduos que se recusam a viver de acordo com as regras seguidas pela maioria da sociedade são estigmatizados e julgados de forma negativa e pejorativa. Dessa forma, a escola deve ser um ambiente de aprendizado e socialização, livre de preconceitos e atitudes discriminatórias contra pessoas, grupos sociais ou lugares considerados diferentes ou estranhos. Portanto, a escola é um espaço de educação, onde se deve também aprender a respeitar as diferenças, pois no ambiente escolar, assim como na sociedade em geral podemos encontrar diferentes valores, costumes, crenças e atitudes, e é muito importante que os alunos tenham aprendido a ter uma visão crítica sobre o mundo em que vivemos, porém livre de preconceitos.

A história da sexualidade é o domínio de uma verdade específica, de uma história de discursos (FOUCAULT, 2014). Nesse sentido, ao nascer o indivíduo se depara com uma sociedade repleta de discursos constituídos e sofre influências sociais na determinação da sua orientação sexual, pois há uma construção social mostrando ao indivíduo qual o seu “papel” na sociedade dependendo do seu gênero, desde a infância meninos e meninas aprendem como cada um deve se comportar e se relacionarem com os demais, essas noções são ensinadas pela família, comunidade e escola as quais

pertencem, por meio de um processo complexo de socialização. Dessa maneira, nossa identidade vai sendo construída antes mesmo do nosso nascimento, durante a juventude esta construção é mais marcante, pois se trata de uma transformação de um jovem para um adulto.

Dessa forma, as suas funções na sociedade já estão meramente divididas entre os homens e mulheres, é como se cada gênero tivesse seu lugar na sociedade, que deve ser seguido para que não vire uma desordem social. E, assim, desde a infância, aqueles indivíduos que não cumprem o que lhe é imposto pela sociedade, vivenciam o preconceito e a discriminação, e são vistos como desviantes ou outsider, como define Becker (2008) “é aquele que se desvia das regras do grupo”. Para Becker (2008) quando alguém não cumpre as regras de um determinado grupo ao qual ele pertence, ele é visto como um tipo especial, essa pessoa é estigmatizada pelos demais e encarada como um outsider. Assim, a sociedade é composta por indivíduos que possuem ideias formuladas, muitas vezes pejorativas com juízo negativo a cerca de pessoas e de fatos, fazendo com o que o indivíduo discriminado se sinta inferior, diferente e estigmatizado pelos demais. Essas pessoas vão crescendo sendo vistas como problemáticas, doentes, perturbadas e depravadas, simplesmente porque não atendem a certas normas sociais, aceitas pela maioria como “certas e naturais”.

As ideias sobre a sexualidade vêm passando por várias mudanças ao longo do tempo, pois além de existir os gêneros: homens e mulheres, existem também a grande diversidade sexual que está dividida entre heterossexuais, homossexuais, bissexuais, transexuais, etc. A vista disso, é importante ressaltar que mesmo com as mudanças ocorridas, ainda existem muito preconceito e discriminação.

O conceito de gênero nas ciências sociais é trabalhado na sua complexidade, devendo ser compreendida dentro das estruturas sociais e históricas, dessa maneira o gênero é voltado para diversas áreas da vida social através da cultura e da ideologia (CAMPOS, 2009).

Sabendo que a escola é o espaço social em que se compartilha conhecimentos científicos, históricos e sociais, construindo um desempenho do poder ideológico e da inserção dos processos culturais, a mesma desempenha um papel fundamental na construção de valores e atitudes, tendo como compromisso permitir ao alunado ter uma concepção e um olhar crítico sobre as diferentes identidades de gênero e de sexualidade.

Porém, um olhar desprendido de preconceitos e discriminações, pois a escola deve ser um espaço de igualdade e não de reprodução de preconceitos.

Dessa forma, tenho por finalidade identificar se está sendo trabalhado com os alunos questões de gênero e diversidade sexual na educação escolar e de que maneira isso está sendo transmitido aos educandos. Apontar se está sendo abordado o assunto de gênero e sexualidade na disciplina de sociologia e de biologia, salientando, como o professor transmite para os alunos tal conhecimento. Tendo em vista, que o professor é um formador de opinião e possui papel essencial para o conhecimento do corpo discente. Para tanto, é necessário saber quais as concepções da diretora da instituição e dos professores atuantes da escola sobre tal assunto e fazer uma comparação com a compreensão dos alunos, verificando a aceitação dos mesmos sobre a questão de gênero e sexualidade e analisar se existe tratamento discriminatório no ambiente escolar. Por essa razão foi escolhida a Escola Estadual de Ensino Médio Inovador Integrado Educação Profissional José Leite de Souza, em Monteiro-PB, para fazer uma pesquisa sobre tal temática.

O presente estudo trata-se de uma pesquisa exploratória, buscando assim ter um maior conhecimento sobre como se dão às relações de gênero e diversidade sexual nas práticas educativas da escola tal, a fim de saber como as questões de gênero e diversidade sexual são tratadas nela. Buscou-se compreender com esse estudo de que maneira o professor aborda o assunto de gênero e sexualidade com seus alunos e quais as metodologias utilizadas pelos mesmos para à formação de uma educação livre de atitudes e pensamentos discriminatórios, pois acredita-se que depois da família, a escola é a instituição mais adequada para transformações sociais.

O método utilizado para a realização da pesquisa é qualitativa, por meio de entrevistas. A coleta de dados ocorreu primeiramente com uma entrevista realizada com a diretora da escola e em seguida com dois professores selecionados, individualmente, com o beneficiamento de um gravador de voz para permitir que a pesquisadora transcrevesse tais entrevistas e garantindo a segurança dos entrevistados.

É importante frisar que a coleta de dados feita, foi realizada com total consentimento da direção da escola que recebeu uma solicitação no qual a pesquisadora requisitou a permissão da mesma para que a devida pesquisa fosse realizada na instituição. Todos os outros participantes envolvidos assinaram um termo de consentimento alegando sua concordância em participar da pesquisa.

Acreditou-se ser necessário saber as concepções da diretora da escola e se a instituição permite e/ou incentiva que assuntos ligados à sexualidade estejam presentes em sala de aula. Optou-se por escolher dois professores de áreas diferentes, para comparar suas visões, seus preceitos e seus métodos de ensino. Nesse sentido, foi escolhido uma professora de biologia, formada em licenciatura em biologia e outra de sociologia, com formação no curso de licenciatura em ciências sociais, que lecionam aulas para os alunos do Ensino Médio e por serem as áreas que mais se identificam com o assunto. Por conseguinte, foram selecionados dez alunos, estudantes do Ensino Médio da instituição, para a realização de entrevistas individuais, pois é necessário saber as opiniões e o conhecimento dos alunos a respeito de tal assunto.

Foram utilizados nomes fictícios para preservar o anonimato dos entrevistados.

O estudo foi realizado na Escola Estadual de Ensino Médio Inovador Integrado Educação Profissional José Leite de Souza localizada no município de Monteiro-PB situada na Rua Wagner Augusto Bezerra Japyassu – 426.

O Colégio Estadual de Monteiro foi designado por uma ação do Deputado Estadual, Dr. Euvaldo da Silva Brito, por meio de um de seus projetos, e foi aprovado pela Assembleia Legislativa do Estado e ratificado pelo Governador do Estado daquela época Dr. Ernani Sátiro no dia 11/02/1972. A escola recebeu o nome de José Leite de Souza, pela figura ilustre e política que o mesmo se tornou, trazendo grandes benefícios para a cidade de Monteiro, este ocupou os cargos, de vereador, vice-prefeito e posteriormente prefeito.

Hoje o corpo técnico do colégio constitui-se de 1 supervisor, 45 professores, 7 auxiliares de serviços, 3 diretores e 2 secretárias para efetivar seus planos pedagógicos. Dessa forma, constata-se que por essas revelações a Escola Estadual José Leite de Souza tem contribuído de forma intensa para a formação intelectual da juventude da região de Monteiro, e sobretudo para aqueles mais carentes financeiramente, e o resultado é que esta abrange a sua finalidade que é de servir sempre a comunidade na qual se emolduram a zona urbana e rural, estendendo-se a sua influencia as cidades próximas.

A efetiva pesquisa realizou-se com um levantamento de dados no mês de outubro de 2015, com a ajuda de um questionário semiestruturado, e de um gravador para ser conduzida a entrevista de maneira satisfatória. A pesquisadora concluiu suas entrevistas em quatro dias, no primeiro dia optou-se por realizar as entrevistas com as professoras que foram bastante receptivas e aceitaram responder a todas as perguntas,

apesar de estarem um pouco apreensivas no início, mas depois a conversa foi fluindo espontaneamente, a entrevista foi feita na escola, na sala dos professores, um lugar reservado, onde havia somente a pesquisadora e o entrevistado.

No segundo e terceiro dia foi realizada as entrevistas com os dez alunos, sendo entrevistados cinco por dia. O contato com os alunos foi calmo, aceitaram responder as perguntas, muitos por curiosidade outros porque se interessaram realmente em participar da pesquisa, algumas alunas se recusaram a participar talvez por medo ou vergonha, os meninos foram mais comunicativos, por esse motivo foi realizado as entrevistas com seis meninos e quatro meninas, todos estes alunos do Ensino Médio, do 2º e 3º ano. A conversação ocorreu na biblioteca da escola, a pesquisadora foi chamando os alunos um por um para que a entrevista fosse executada.

A diretora estava sempre muito ocupada, por isso foi a última a ser entrevistada, muitas vezes a mesma se encontrava em reuniões e não podia atender a pesquisadora. Desse modo, marcou-se a hora em que a diretora estava livre e a entrevista foi efetuada, em sua sala, na direção. A mesma se mostrou muito gentil e colaborou respondendo as perguntas.

Visando a melhor compreensão para percebermos de forma qualitativa como esta sendo transmitido aos educando as relações de gênero e sexualidade, assim como visão da diretora da instituição e dos professores sobre tal assunto, optou-se por trabalhar com as entrevistas por permitir um contato mais direto com os sujeitos entrevistados, foi escolhido uma amostra composta por o número de alunos de diferentes níveis de ensino, para termos uma visão, o mais próximo possível, das questões que envolvem o ensino, o preconceito e a discriminação, e se isso de fato existe dentro da sala de aula. Portanto, buscou-se dimensionar esses estudos, por meio de uma pesquisa exploratória, na qual tem o objetivo de familiarizar-se com o fenômeno que está sendo investigado, de modo que a pesquisa possa ser concebida com uma maior compreensão e precisão.

## 2 GÊNERO E SEXUALIDADE COMO CONSTRUÇÕES SOCIAIS

A sexualidade humana vem sendo bastante discutida, tanto do ponto de vista histórico como conceitual. O conceito de gênero foi constituído socialmente buscando compreender as relações estabelecidas entre homens e mulheres, como também os papéis que cada um assume na sociedade e as relações de poder estabelecidas entre eles.

Para as feministas o gênero é uma organização social da relação entre os sexos (SCOTT, 1989). Tal conceito surgiu por intervenção das mesmas, pois estudiosos acreditavam que a mulher era vítima da discriminação e do machismo, manifestando que a importância da tradição cultural no sentido da reprodução das desigualdades de gênero.

(...) o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder (SCOTT, 1989, p.21).

Nesse sentido, as relações de gênero estão ligadas a relações sociais de poder entre homens e mulheres e o “papel social” que cada um deve exercer na sociedade, que é definido pelas diferenças sexuais. Essa relação é definida pela sociedade e imposta por ela aos indivíduos. Dessa maneira, regras sociais são estabelecidas onde predeterminam o que cada um deve usar, a maneira que deve se vestir e até mesmo como devem se comportar dependendo do seu gênero, aqueles indivíduos que não aceitam as regras impostas são estigmatizados e sofrem vários tipos de preconceito e discriminação.

Muitos consideram que a sexualidade é algo que todos nós, homens e mulheres, possuímos “naturalmente”. Aceitando essa ideia, fica sem sentido argumentar a respeito de sua dimensão social e política ou a respeito de seu caráter construído (LOURO, 2013, p.11).

As concepções sobre a sexualidade vem passando por várias mudanças ao longo do tempo, antes acreditava-se que a mesma era definida apenas pelo fator biológico e para alguns biólogos a homossexualidade era considerada uma doença genética. Mas segundo Giddens (2005), a biologia por si só não conseguiu explicar as formas de sexualidade humana, se tornando assim, somente uma base para explicar o gênero, pois ele também pode ser explicado por meio da socialização, sendo meramente arbitrário, não podendo ser explicado apenas pela biologia. Para os sociólogos o gênero é uma

construção social, onde os indivíduos nascem e aprendem seus “papéis sociais” já estabelecidos.

Dessa maneira, as diferenças de gênero não podem ser apenas biologicamente determinadas, pois não se tratam somente de um fenômeno puramente biológico, devemos levar em consideração a cultura na qual o indivíduo está inserido. Dessa forma, podemos constatar que ocorrem mudanças na definição do que é ser homem ou mulher ao longo da história e em diferentes regiões e culturas.

Na nossa cultura, por sua vez, quando a mãe está grávida que nasce um menino, ela logo pinta o quarto do bebê de azul (quando é possível), pois há uma construção social já estabelecida pela sociedade que diz que a cor para os meninos é o azul. Desde criança ele é ensinado que deve gostar de jogar bola, brincar com carrinhos, gostar de jogos de luta. Quando nasce uma menina, a mãe pinta seu quarto de rosa e compra bonecas, para ela brincar de “casinha”. O homem aprende desde criança que seu papel na sociedade deve ser o de forte, corajoso, trabalhador, já a mulher deve ser delicada, gentil, amável e tem por obrigação aprender a cuidar da casa, do seu marido e dos seus filhos.

(...) Nas ciências sociais a questão do gênero é considerada de maneira complexa, não podendo ser compreendida fora das estruturas sociais e históricas. O gênero produz e é produzido nas diversas áreas da vida social, de forma simbólica, através da cultura, da ideologia, das práticas políticas e discursivas, ou seja, na divisão social do trabalho assalariado, na organização burocrática do Estado, na manifestação da sexualidade e na estrutura da violência, principalmente a simbólica, que sempre afetou as mulheres. (CAMPOS, 2009, p.26)

A vista disso, os dispositivos sociais procuram moldar os indivíduos desde criança para mostrar como cada um deles devem se comportar de acordo com seu gênero. Homens e mulheres são socializados em papéis diferentes, culturalmente se cria na sociedade, ideias e valores sobre o que é ser homem ou mulher. Esta diferenciação se denomina representações de gênero.

Estudar o conceito de gênero oferece um olhar mais atento para determinados processos que consolidam diferenças de valor entre o masculino e o feminino e que geram desigualdades (BOURDIEU, 1999).

Desse modo, as questões de gênero encontram-se diretamente relacionada à forma como as pessoas concebem os diferentes papéis sociais e comportamentais relacionados aos homens e às mulheres, estabelecendo padrões daquilo que é devido



para o feminino bem como para o masculino, de forma a reproduzir regras como se fosse um comportamento natural do ser humano.

As identidades sexuais são constituídas através da forma com que os indivíduos vivem a sua sexualidade, sendo com parceiros do sexo oposto ou do mesmo sexo. Por outro lado, os sujeitos também se identificam, social e historicamente, como masculinos ou femininos e, assim, constroem suas identidades de gênero. Essas identidades estão profundamente interrelacionadas, no entanto, não são a mesma coisa. Sujeitos masculinos ou femininos podem ser heterossexuais, homossexuais e bissexuais. Tanto na dinâmica do gênero como na dinâmica da sexualidade, as identidades são sempre construídas, não são dadas ou acabadas num determinado momento, são instáveis e passíveis a transformação (LOURO, 1997).

As identidades de gênero e de sexualidade estão relacionadas, porém, são diferentes, eu posso ser do gênero feminino e me relacionar sexualmente com uma pessoa do mesmo sexo, isso não faz com que eu deixe de ser do gênero feminino, ou seja, é possível ser homem e ser homossexual, uma identidade não exclui a outra. “Existem normas e regras nas sociedades que concordam com certas práticas sexuais, e reprovam outras, os indivíduos da sociedade na qual estão inseridos aprendem essas normas com a socialização” (GIDDENS, 2005, p.415).

A orientação sexual é uma atração emocional, romântica ou afetiva pelos indivíduos, a heterossexualidade é a orientação sexual por uma pessoa do sexo oposto, a homossexualidade é a orientação sexual por indivíduos do mesmo gênero, e a bissexualidade é quando uma pessoa deseja ambos os sexos. A heterossexualidade é a mais comum, e que é imposta pela nossa sociedade, portanto, acaba sendo privilegiada, enquanto a homossexualidade e a bissexualidade por serem diferentes acabam sendo discriminadas, gerando assim, o sexismo, que é um tratamento desigual que se dá a um determinado sexo, levando a crer que um sexo vale mais do que o outro.

Segundo Giddens (2005) a expressão “opção sexual” é usada de forma incorreta, pois dá à ideia de escolha do indivíduo e não é bem assim, um homossexual não opta por ser homossexual, nem o bissexual pode escolher, assim como o heterossexual também não escolhe sua preferência. É uma característica espontânea resultantes de um conjunto de fatores psicológicos, sociais e culturais que intervêm na formação da orientação sexual.

Ao desvalorizar, discriminar e reprovar as diferenças de gênero e de orientação sexual, a sociedade, a família e as instituições contribuem para reproduzir relações de

desigualdades entre os indivíduos. Segundo a Constituição Federal “Todos são iguais perante a Lei”. Porém, enquanto não aprendermos que não se deve minimizar e estigmatizar aqueles indivíduos que agem de forma diferente do que a sociedade espera, nunca teremos uma sociedade justa e igualitária.

Os estereótipos sexistas podem ser definidos como uma atitude ou uma ação que diminui, exclui, sub-representa e estereotipa as pessoas, de acordo com o seu sexo (...) uma imagem mental padronizada, que é comum aos membros de um grupo e representa uma opinião exageradamente simplificada, uma atitude emocional ou um julgamento sem exame (GUIMARÃES, 1995, p.50).

Estereótipos são uma criação de rótulos sobre o comportamento específico do homem ou da mulher que são reproduzidas pela sociedade e reforçados pelo senso comum, constituídos por imagens e símbolos pejorativos causando impacto negativo aos outros. Isso gera muitas desigualdades e discriminação, e conseqüentemente, a homofobia que é um aglomerado de sentimentos negativos como: o ódio, a raiva, a antipatia e os preconceitos, que acabam levando uma pessoa a agir com violência contra os homossexuais. Para a diminuição desse conjunto de violações aos direitos humanos, a sociedade precisa encarar a sexualidade como uma manifestação íntima de cada indivíduo, e que precisa ser respeitada como um direito, pois toda pessoa pode se relacionar com qualquer outra afetivamente, livre de qualquer constrangimento, com autonomia para reconhecer e exercer seus próprios desejos em liberdade.

## 2.1 RELAÇÕES DE GÊNERO E DIVERSIDADE SEXUAL NOS CURRÍCULOS ESCOLARES

O estudo de gênero e de diversidade sexual é um dos discursos mais polêmicos e com aumentos consideráveis nos últimos anos, considerando que a sociedade vem passando por transformações sociais e culturais, as concepções dos indivíduos sobre as relações de gênero e de sexualidade vem mudando ao longo do tempo, desse modo, seus conceitos são muito importantes para se compreender as desigualdades, presentes na diferença entre o masculino e o feminino, ressaltando que a realidade depende da forma com que ela é construída historicamente. Vivemos, assim, em constante processo de construção social.

Ora, considerando-se esses três últimos séculos em suas contínuas transformações, as coisas aparecem bem diferentes: em torno e a propósito do sexo há uma verdadeira explosão discursiva (FOUCAULT, 2014, p.19).

O que Foucault (2014), chama a atenção é que até três séculos atrás era praticamente improvável que algum indivíduo demonstrasse interesse ou se expressasse sobre a questão da sexualidade, mas devido às transformações decorrentes nesses últimos tempos, há várias discussões sobre a diversidade sexual. Nesse sentido, é preciso que essa discussão esteja presente também no ambiente escolar, pois a escola deve proporcionar ao indivíduo uma articulação crítica e autônoma sobre questões sociais e contemporâneas. Contribuindo, para que o educando tenha conhecimento e respeito sobre diversidades existentes na sociedade.

Os processos de produção de diferenças no âmbito das práticas educativas e pedagógicas culturais devem ser estabelecidas. Porém, às disciplinas ligadas à educação sexual ainda enfrentam certos “tabus” nos currículos escolares. As identidades culturais são meramente produzidas e ensinadas por meio de suas representações, dessa forma toda identidade cultural só apresenta sentido numa cadeia discursiva de diferenças (FURLANI, 2008).

Da mesma forma que há tempos atrás não se ouvia falar em diversidade sexual tanto quando é divulgada hoje, do mesmo modo, a escola deve se modificar e deixar de lado todo tabu, medo e preconceito relacionado às práticas educativas para que seja um lugar de reprodução e construção de conhecimentos inovadores e contemporâneos. As novas demandas sociais apresentadas pela sociedade solicita que a escola deixe para trás a visão moralista da sexualidade.

A escola é o lugar onde o educando passa bastante tempo, grande parte das suas vivências e experiências são produzidas na escola. A mesma possui importante contribuição, para a construção social de cada aluno, à vista disso, essa construção social de cada um vai depender da forma com que as informações irão ser repassadas para os mesmos, ressaltando que a escola deve ser neutra, livre de valores e crenças, para permitir que o discente pense reflita e tenha um olhar crítico do mundo ao seu redor.

Diferenças, distinções, desigualdades... A escola entende disso. Na verdade, a escola produz isso. Desde seus inícios, a instituição escolar exerceu uma ação distintiva. Ela se incumbiu de separar os sujeitos — tornando aqueles que nela entravam distintos dos outros,

os que a ela não tinham acesso. Ela dividiu também, internamente, os que lá estavam, através de múltiplos mecanismos de classificação, ordenamento, hierarquização (LOURO, 1997, P.57).

O modelo de escola brasileira que temos historicamente é tradicional e está voltado para a heteronormatividade, um termo preconceituoso que designa que a heterossexualidade é a única orientação sexual que deve existir. Dessa maneira, a escola possui um conjunto de valores, normas e crenças que são responsáveis por reproduzir a figura do outro, e se tratando de homossexuais são estigmatizados e instituídos como “doentes”, “estranhos”, “pecadores”, chamados por alguns apelidos totalmente discriminatórios e pejorativos como: “veado” “fresco” “bicha” “baitola” etc. Fundamentada em tais rótulos, a escola acaba sendo um espaço de desigualdade e não de igualdade. A falta desse debate nas escolas podem causar violências verbais e não verbais, pois da discriminação se prolifera a violência contra os homossexuais, gerando a homofobia.

A ausência de solidariedade por parte de educadores(as) e profissionais da instituição e da comunidade escolar diante das cotidianas cenas de assédio moral contra estudantes LGBT pode levar a produção de efeitos nos(as) agressores(as) e em seus(as) cúmplices. Além de legitimar suas práticas levando ao encorajamento e à continuidade de suas ações (SILVA e RIBEIRO, 2013, p.420).

Há uma necessidade de assuntos como relações de gênero e de diversidade sexual estarem presentes em sala de aula, assim como contribuições da prática docente para a desnaturalização de diferenças e preconceitos em relação ao sexo no ambiente escolar, pois se os professores fecharem os olhos para a discriminação, cada vez mais haverá preconceitos e violência contra os alunos LGBT. Para que isso não aconteça é importante que a escola possibilite o desenvolvimento do pensamento crítico dos discentes, a partir da compreensão sobre as diferenças corporais e sexuais que culturalmente se cria na sociedade, possuindo assim, papel fundamental na desmistificação destas diferenças, além de ser um importante instrumento na construção de valores e atitudes, que permitam um olhar mais crítico e reflexivo sobre as identidades de gênero e de sexualidade.

Como a construção social, sabemos que os padrões são redefinidos de acordo com tempos históricos e novas demandas sociais. Portanto, os sujeitos são responsáveis pelas mudanças de paradigma. Nesse caso, a escola precisa repensar seus valores, no sentido de proporcionar aos

sujeitos formas mais democráticas de convivência social (CAMPOS, 2009, p.85).

O papel do professor é fundamental no processo de construção do conhecimento, ao atuar como profissional da educação, o mesmo deve conduzir um processo de reflexão que possibilitará ao aluno ter autonomia para escolher seus valores, tomar posições e ampliar seu universo de conhecimento. Porém, o educador nesse processo de ensino-aprendizagem deve ter discernimento para não transmitir seus próprios valores, suas crenças, e opiniões como sendo verdades a serem seguidas.

Devido a novas demandas sociais apresentadas pela sociedade é preciso que a escola proporcione aos indivíduos uma articulação crítica de informações e saberes que possibilite um novo saber livre de preconceitos e estereótipos sobre questões relacionadas à diversidade sexual, dessa maneira se fez necessário o surgimento de propostas de reformulação do sistema educacional, a fim de adequá-lo às demandas escolares. Dentre elas, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) apresentaram propostas de uma nova estruturação curricular para a educação, os quais contemplam o ensino de temas sociais presentes na vida cotidiana, enfocando as questões da cidadania, como por exemplo, a sexualidade.

É importante ressaltar o que dizem os PCN's sobre a questão de gênero e sexualidade no âmbito escolar: a sexualidade é concebida como um componente natural, algo necessário e fonte de prazer na vida, uma necessidade básica, sendo um impulso de desejo vivido no corpo (BRASIL, 1998)

A educação sexual é muito importante, e deve estar presente na escola para estimular a reflexão dos jovens a partir da problematização e debates das diversas temáticas atuais da sexualidade, para possibilitar ao aluno uma reflexão crítica sobre a realidade em que está inserido.

Tem como base a importância de se trabalhar a educação sexual nas escolas a importância de incluir Orientação Sexual como tema transversal nos currículos, discorre sobre a postura do educador e da escola, descrevendo, para tanto, as referências necessárias à atuação educacional ao tratar do assunto, trabalho que se diferencia do tratamento da questão do ambiente familiar. Aborda ainda, por meio dos objetivos gerais, as capacidades a serem desenvolvidas pelos alunos do ensino fundamental (BRASIL, 1998, p.287).

Discutir sobre sexualidade na escola constitui-se em saber como está sendo formados os sujeitos, e contribuir para uma formação crítica e reflexiva, por ser um tema complexo que quase não é debatido em casa pelos pais, deve ser trabalhado na escola, apesar de que isso também é responsabilidade da família.

Como apresenta a LDB em seu art. 2º:

A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (LDB, art.2º, 2005).

Por conseguinte, para que se alcance um resultado satisfatório é necessário haver uma junção entre família e escola, fazendo-se necessário uma reflexão de ambas as partes que irá auxiliar o aluno a ter uma melhor compreensão das informações sobre o tema e tudo que está relacionado ao mesmo.

É interessante para o professor ensinar questões como essa através de uma metodologia participativa que envolve lidar com dinâmicas grupais e algumas discussões, por se tratar de um assunto polêmico, ao qual precisa ser debatido e raciocinado, porém com muito cuidado, pois se refere a um tema que envolve relações humanas ligadas muitas vezes à desigualdades e preconceitos que são construídos socialmente, desse modo, se faz necessário, trabalhar toda essa desigualdade do gênero: feminino e masculino, assim como a questão da sexualidade, com o intuito de ser desmistificado o preconceito existente e que se construa uma nova visão social, sendo o ambiente escolar primordial para que se promova essa construção.

Sem dúvida, na Escola, no currículo, nas disciplinas, nas normas regimentais, nas formas de avaliação, nos materiais didáticos, a linguagem reflete e reproduz os significados que marcam as desigualdades de gênero, sexuais, raciais, etc. Desigualdades essas que podem contribuir para a manutenção das representações que constroem o preconceito, a discriminação, o sexismo, etc. (FURLANI, 2008, p.123).

Por essas razões, ensinar as relações de gênero e diversidade sexual na escola, não é tarefa fácil principalmente na realidade escolar, onde os livros didáticos são instrumentos de reprodução de valores ideológicos, através de seus textos e imagens em que são retratados os aspectos de estereótipos. Onde o masculino é associado ao público, político e valente, e o feminino ao doméstico, privado e dócil. Dessa forma,

muitas vezes o professor se sente de “mãos atadas” sem material didático e acaba reproduzindo o que os livros trazem, por isso é importante favorecer aos docentes uma formação desde seu início com reflexões e debates sobre questões de gênero e diversidade sexual, para desnaturalizar os preconceitos existentes, a fim de que esses educadores tenham uma nova forma de concepções e de conhecimento.

Nós, professores e professoras, raramente falamos do prazer de eros ou do erótico em nossas salas de aula. Treinadas no contexto filosófico do dualismo metafísico ocidental, muitas de nós aceitamos a noção de que há uma separação entre o corpo e a mente. Ao acreditar nisso, os indivíduos entram na sala de aula para ensinar como se apenas a mente estivesse presente e não o corpo (LOURO, 2013, p.115).

Louro (2013) destaca o fato de que alguns professores ainda não se deram conta da importância de se ensinar não só questões relacionadas à mente, e sim ao corpo também, segundo ela ao entrar em sala de aula, anulando o corpo e nos entregando apenas a mente, estamos aceitando o pressuposto de que a paixão não deve estar presente em sala de aula e nem transmitida aos educandos.

Tudo aquilo que foge dos padrões sociais estabelecidos de masculinidade e feminilidade é visto com certo estranhamento e desse estranhamento surgem os preconceitos, onde pessoas são estigmatizadas, por terem um comportamento diferente do que a sociedade espera. É preciso que os professores deixem essa visão moralista pra trás na hora de ministrar suas aulas, uma vez que, é necessário ensinar temas relacionados ao corpo, orientar aos educandos que existem várias formas de ser homem ou mulher, diferentes formas de viver, de expressar sua sexualidade, de amar e de desejar outra pessoa. Assuntos como estes na realidade escolar, podem evitar não apenas o preconceito que está presente em nosso meio social, como também questões ligadas à prevenção, doenças sexualmente transmissíveis, orientação sexual. Todas essas informações devem estar presentes em sala de aula, pois são fundamentais para que os alunos tenham conhecimento da realidade ao seu redor e para que se construa uma visão crítica livre de preconceitos, discriminações, violências e violação dos direitos humanos.

### 3 REVELANDO E DISCUTINDO OS DADOS COLETADOS

#### 3.1 CONCEPÇÕES DOS PROFESSORES A CERCA DE RELAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE NA ESCOLA

A criança é um ser social cujo processo de desenvolvimento depende do contexto histórico em que vive. E a escola é um dos locais em que as crianças passam a maior parte do tempo, convivem juntas com outras crianças, fazem a amizade, meninos e meninas disputam, dividem espaços, brincam, conversam, entram em conflitos, ou seja, estão o tempo todo interagindo uns com os outros e desse processo de interação surge algumas diferenças. Assim, a escola é um dos primeiros lugares em que a criança se depara com as diferenças, inclusive as de gênero. Nesse sentido, torna-se necessário ser trabalhado as questões de gênero e sexualidade no ambiente escolar, pois a escola tem um papel fundamental na desmistificação destas diferenças, além de ser um importante instrumento na construção de valores e atitudes, que permitam um olhar mais crítico e reflexivo sobre as identidades de gênero, ao invés de ser um lugar de práticas de desigualdades e de reprodução de preconceitos e discriminações.

O papel do docente é essencial no processo de construção do conhecimento, pois ao mesmo compete fazer com que o alunado reflita sobre várias questões e tenha uma visão crítica sobre o mundo, tendo assim, autonomia para escolher seus valores, porém o professor deve ter discernimento para não transmitir seus próprios valores, suas crenças e suas opiniões como sendo verdades absolutas ou princípios a serem seguidos.

Os diferentes sistemas de gênero: masculino e feminino e de formas de operar nas relações sociais de poder entre homens e mulheres são decorrência da cultura, e não de diferenças naturais instaladas no corpo de homens e mulheres (GIDDENS, 2005). Dessa forma, o gênero não está apenas ligado somente ao sexo de cada indivíduo, há um processo histórico e cultural que não pode ser descartado.

Foi perguntado a duas professoras atuantes da escola, o que as mesmas compreendiam por relações de gênero, responderam:

*É a relação normal entre o homem e a mulher (Gabriela, 58, professora de sociologia).*



*É uma opção de cada um, opção de vida, escolha (Amanda, 48, professora de biologia).*

Nas entrevistas realizadas pode-se constatar como as professoras através de seus discursos pensam sobre as relações de gênero, sexualidade e escola. Sobre as questões ligadas ao gênero as respostas ficaram confusas, ficando notório uma certa falta de compreensão da parte das professoras do que seria de fato, o gênero. Como Campos (2009) aponta que esta falta de capacitação está ligada diretamente a falta de conhecimento do assunto, talvez esteja ligada a falta de interesse de se aperfeiçoar sobre tal assunto ou simplesmente ao seu próprio juízo de valor que é construído socialmente. Sobre sexualidade foi perguntado o que as mesmas entendiam por sexualidade, responderam:

*Esta vinculada à orientação do desejo sexual e afetivo e a representação social ou objetiva da identidade de gênero (Gabriela, 58, professora de sociologia).*

*É um desejo, a pessoa escolhe por aquilo que deseja (Amanda, 48, professora de biologia).*

Percebe-se algo em comum nas respostas, as duas remetem a sexualidade ao desejo sexual, porém na segunda resposta o desejo é encarado como uma escolha própria do indivíduo, desconsiderando, os fatores culturais e sociais que são características importantes na formação da orientação sexual do indivíduo.

Foi perguntado as professoras se as mesmas achavam necessário explicar aos alunos as relações de gênero e diversidade sexual existentes nas sociedades e se na disciplina que elas lecionavam, elas já tinham tratado sobre o assunto, responderam:

*É importantíssimo, para que não exista o preconceito. Sim, explicando sobre os movimentos sociais, os alunos pesquisaram sobre esse movimento, o LGBT. (Gabriela, 58, professora de sociologia).*

*Eles já sabem, mas sabem aleatoriamente, eles tem a escolha, mas não sabe como lidar com ela, por isso devemos explicar, pois devem ter a escolha e também uma postura por isso é necessário explicar. Sim, ocorreu naturalmente, os alunos debatem sobre o tema, alguns tem o prazer de falar e dar depoimento sobre sua vida amorosa (Amanda, 48, professora de biologia).*

Segundo Furlani (2008) na escola, assim como nos currículos, nas disciplinas, a linguagem reflete e reproduz os significados que marcam as desigualdades de gênero. E

essas desigualdades podem contribuir para a construção do preconceito e da discriminação. Nesse sentido, é necessário que os discursos sobre as relações de gênero estejam presentes nas salas de aula. Gabriela ressalta a importância de ser explicado para não reproduzir o preconceito, porém na sua sala de aula e na disciplina que leciona ela limita-se a tratar no assunto da sexualidade apenas como um fato histórico deixando de lado a complexidade que gira em torno do tema, por exemplo, a desigualdade e exclusão dos que são considerados como diferentes. Já Amanda, parte do pressuposto que os alunos já sabem sobre o assunto, porém como a mesma complementa que eles sabem de forma aleatória, e ressalta a importância de explicar para que os mesmos tenham uma postura. Contudo, em nenhum momento se preocupa com a questão do preconceito e da discriminação que podem estar presente na sala de aula.

Como uma maneira de abordar ao assunto e manter um debate com os alunos, foi perguntado às professoras o que elas achavam sobre as questões abordadas sobre casal homossexual que faz parte do elenco da novela da Rede Globo, e se já ocorreu alguma discussão em sala de aula sobre esse assunto, responderam:

*Eu acho que é uma maneira de mostrar a sociedade que existe esse tipo de relacionamento. Não houve nenhuma abordagem sobre o assunto (Gabriela, 58, professora de sociologia).*

*A mídia incentiva esse tipo de relacionamento, para os homossexuais isso é positivo, para que eles se sintam mais seguros, mas para o restante da sociedade encaram isso como negativo, pois é um incentivo, nunca falei disso em sala de aula (Amanda, 48, professora de biologia)*

Há uma certa semelhança nas respostas, pois nenhuma das duas professoras nunca teve um debate sobre esse assunto em sala de aula, Segundo a autora Bridi (2010, p.81):

*É necessário retomar a perspectiva do professor pesquisador, que olha para sua prática, faz perguntas, não se fecha para questões, pensa reformula sua ação pedagógica, constrói a sua metodologia e permite aos alunos alcançarem voos, na busca de conhecimento e do pensar autônomo.*

É necessário que os professores estejam sempre inovando seus conhecimentos, explicando sobre o assunto e fazendo debates em sala de aula, fazendo uma junção com a realidade em que vivemos para melhor compreensão dos alunos.

Com o intuito de saber se na escola existia abertura do professor para tratar de assunto relacionados à sexualidade em sala de aula, foi perguntado as professoras se no projeto político pedagógico da escola existia espaço para debater e incluir a temática de gênero e diversidade, e o que as mesmas compreendiam sobre o papel que a escola deve desempenhar no que diz respeito a questões de gênero e sexualidade?

*Sim, existem projetos falando sobre a sexualidade, namoro, gravidez na adolescência e relacionamentos familiares que interferem nos estudos. A escola deixa livre para os professores abordar o assunto e fazer projetos sobre o mesmo, eu particularmente nunca fiz, mas outros professores já fizeram (Gabriela, 58, professora de sociologia).*

*Existe, o PPP da escola tem um parágrafo que fala dos papéis de formar cidadãos de bem pra sociedade, mas ainda não cheguei a fazer nenhum projeto que abordasse tal tema. A escola trabalha esse assunto para não existir discriminação, todos devem ser tratados como iguais (Amanda, 48, professora de biologia).*

Mais uma vez as respostas das professoras estão interligadas, sobre a abertura na escola percebe-se que ela abrange uma certa admissão para que os professores façam projetos ligados a sexualidade, porém apesar das professoras considerarem o tema importante nunca realizaram nenhum projeto sobre o assunto. Para Furlani (2008), as disciplinas que falam sobre à educação sexual ainda são encaradas de forma negativa, com certos “tabus” nos currículos escolares. Talvez as mesmas não realizaram projetos escolares com o tema, ou por falta de compreensão sobre o assunto, ou por encontrarem dificuldades em falar sobre relações de gênero no ambiente escolar, tendo em vista, que a escola reproduz o modelo definido pela sociedade, que por sua vez, não está livre de preconceitos, nem de ideias pejorativas sobre os indivíduos que se comportam de forma diferente do que a sociedade espera.

Para saber se na há escola discriminação, e se o preconceito é reproduzido no ambiente escolar perguntaram as professoras: Você já presenciou atitudes discriminatórias ou de atenção exclusiva por parte de algum profissional da escola em relação a alunos que apresentem comportamentos que não são considerados adequados em relação ao seu sexo? Você já presenciou no âmbito escolar que alguma aluno(a) foi alvo de gozação por parte de colegas por apresentar comportamentos diferentes ao padrão heteronormativos?

*Nunca presenciei, porque na escola não existe discriminação, nem por parte de professor, funcionários, gestão, nem pelos próprios alunos. Não existe preconceito no âmbito escolar, preconceito nem de raças, classe e muito menos gênero e sexualidade. Não, como já falei na escola são tratados normalmente. (Gabriela, 58, professora de sociologia)*

*Nunca presenciei, nem por parte de professor, nem por aluno, se existe é só entre eles, nunca presenciei. (Amanda, 48, professora de biologia)*

A discriminação de pessoas em função de suas diferenças é uma realidade, pois em vez de respeitar as diferenças dos outros, muitas pessoas consideram o modelo que adotam como melhor e superior aos demais. Como destaca Goffman (2008), o desvio é apresentado pelos indivíduos se recusam a aceitar o lugar social que lhes é destinado e que agem de maneira irregular, ou seja, certos indivíduos que não aceitam viver como a sociedade impõe são considerados como seres desviantes, em vários âmbitos da sociedade.

O discurso das professoras, porém relatam que não há discriminação por parte de professor, aluno e nem um dos funcionários da escola, as mesmas afirmam que nunca presenciaram no ambiente escolar nenhum tipo de preconceito, ligado a raça, classe, nem a gênero e sexualidade. O que é bastante intrigante já que a escola atual brasileira é voltada a um modelo tradicional e como destaca Louro (1997), diferenças e desigualdades estão presentes na escola, pois a mesma acaba por reproduzir isso. Justamente, por a escola estar completa de indivíduos, que possuem seus próprios valores e crenças, e que tendem a estigmatizar as pessoas que se diferem desses regimentos.

Achou-se necessário perguntar as professores se as mesmas acreditavam que as relações de gênero e diversidade sexual eram biologicamente determinadas, ou culturalmente produzidas?

*Não sei dizer, mas eu acredito que são biologicamente determinadas, acho que já nasce assim, porque aquela pessoa desde pequena já tem um comportamento diferente dos demais, e quando cresce decide viver sua vida da maneira que gosta (Gabriela, 58, professora de sociologia).*

*Não são biologicamente determinadas, pois até hoje a genética não comprovou nada, acredito que seja culturalmente produzida, pois não existe comprovação de espermatozoide com tendência feminina ou óvulo com tendência masculina (Amanda, 48, professora de biologia).*

Gabriela mostra-se um pouco confusa em sua resposta, argumentando que são biologicamente determinadas, acreditando que aquela pessoa já nasce daquela forma, desconsiderando assim, as influências sociais na determinação da orientação sexual de uma pessoa. Pois, assim que o indivíduo nasce, ele se depara com uma sociedade meramente construída, e vai se relacionar com a mesma, tendo assim, uma experiência de socialização. Mesmo sendo formada, em ciências sociais, a educadora desconsidera que a aprendizagem social esteja envolvida na determinação da orientação sexual de um indivíduo, e é importante questionar, se a professora em sua formação foi ensinada a lidar com questões relativas à sexualidade e se a mesma estudou assuntos como estes.

A professora Amanda afirma que não são biologicamente determinadas, pelo fato de não existir um fator biológico que realmente comprove a existência de espermatozoide com tendência feminina ou óvulo com tendência masculina. Assegura, nesse sentido, que são culturalmente produzidas, ou seja, a mesma considera a cultura do indivíduo, por acreditar que não há nada que prove até hoje que são determinadas apenas pelo fator biológico.

Nota-se que as visões das professoras estão meio destorcidas quando consideramos a formação profissional de cada uma, pois a maioria dos sociólogos tendem a considerar a aprendizagem social que está implícita aos indivíduos, e grande parte dos biólogos acreditam que as influências biológicas são as mais importantes na orientação sexual de uma pessoa, existindo claro, exceções e a professora é uma delas. O questionamento que acredito que seja importante ser feito continua sendo sobre a formação profissional das mesmas, e para saber melhor sobre isso, foi perguntado a elas: Em sua formação profissional você foi orientada como lidar com questões relativas à sexualidade?

*Não fui orientada, cursei Ciências Sociais, não tive oportunidade de vê sobre o assunto (Gabriela, 58, professora de sociologia).*

*Não, apenas estudei uma disciplina na qual falava da sexualidade (Amanda, 48, professora de biologia).*

A escola não está isolada da sociedade, nela estão refletidas as grandes questões sociais. E portanto, é responsabilidade da instituição contribuir para uma formação crítica do alunado. Porém, como ensinar algo que não foi estudado? Como podemos

exigir dos professores que ensinem assuntos que não foram visto por eles em sua graduação?

O tema relacionado a gênero e diversidade sexual é um assunto bastante complexo e que sofreu várias mudanças ao longo do tempo. Nas respostas das professoras fica evidente que as mesmas não foram orientadas a lidar com questões inerentes a gênero e diversidade sexual. Gabriela apesar de cursar ciências sociais diz que não teve oportunidade de realizar cursos sobre o assunto, talvez porque há alguns anos esse era um assunto pouco discutido e por esse motivo ainda não estava presente no currículo do curso quando a mesma estudava. Amanda diz ter apenas visto uma única disciplina que discutia a sexualidade, ou seja, a formação das educadoras não dá a elas todo o discernimento necessário para explicar para os alunos tal assunto.

É importante frisar as grandes modificações que vem acontecendo na sociedade, e destacar que isso reflete nos processos de ensino-aprendizagem. Dentre essas mudanças, podemos citar as diversidades sexuais que antigamente eram pouco discutidas nos ambientes escolares. Porém, com a tecnologia que temos hoje as informações sobre esse tema chega aos alunos. Contudo, informação e conhecimento são palavras com significados diferentes, cabe à escola possibilitar a construção do conhecimento, pois o que há nos livros e na internet, por exemplo, são apenas informações. Nesse processo, o aluno chega com as informações que precisam ser cercadas de conhecimentos, para que os mesmos não se proliferem no senso comum.

O educador deve estar sempre atualizado e bem informado, não apenas em relação aos fatos e acontecimentos do mundo, mas, principalmente, em relação aos conhecimentos curriculares e pedagógicos e às novas tendências educacionais. Por isso, há uma necessidade de uma formação continuada para os professores.

[...] a necessidade de contínuo aprimoramento profissional e de reflexões críticas sobre a própria prática pedagógica, pois a efetiva melhoria do processo ensino-aprendizagem só acontece pela ação do professor; a necessidade de se superar o distanciamento entre contribuições da pesquisa educacional e a sua utilização para a melhoria da sala de aula, implicando que o professor seja também pesquisador de sua própria prática; em geral, os professores têm uma visão simplista da atividade docente, ao conceberem que para ensinar basta conhecer o conteúdo e utilizar algumas técnicas pedagógicas (SCHNETZLER e ROSA, 2003, p.27).

A formação continuada é de suma importância para a transformação do professor, pois é através do estudo, da pesquisa, da reflexão, proporcionado pelos programas de formação continuada, que é possível a mudança. Fica mais difícil do professor mudar seu modo de pensar o fazer pedagógico se ele não tiver a oportunidade de vivenciar novas experiências, novas pesquisas, novas formas de ver e pensar a escola.

### 3.2 CONCEPÇÕES DA DIRETORA DA ESCOLA A RESPEITO DE RELAÇÕES DE GÊNERO E DIVERSIDADE SEXUAL NO CURRÍCULOS ESCOLARES

A escola possibilita uma significativa contribuição para a construção social de cada educando. Por meio de discussões sobre questões sociais, ela proporciona o desenvolvimento do pensamento crítico dos alunos.

Entendemos a escola como um espaço generificado, em que símbolos, normas e comportamentos atuam sobre os sujeitos das mais variadas formas, a exemplo das aprendizagens objetivas que se dão por meio de atividades prescritivas, bem como através das aprendizagens subjetivas, as quais aconteceram por meio de comportamentos, normas, regras etc. (CAMPOS, 2009, p.33).

O ambiente escolar é primordial no processo de construção do conhecimento, e as concepções dos alunos a cerca do gênero vai depender de como as informações juntamente com o conhecimento, que é adquirido na escola estão sendo passados para os mesmos. Sabendo que a escola é um lugar onde se encontram diferentes sujeitos, com diferentes religiões, normas, atitudes, crenças e valores, achou-se necessário saber as concepções da diretora da instituição a respeito das identidades de gênero e diversidade sexual no âmbito escolar. Desse modo, foi perguntado a Cecília atual diretora da instituição o que a mesma compreendia por relações de gênero e de sexualidade:

*Compreendo com normalidade, porque hoje nós não podemos discriminar, a homossexualidade deve ser tratada com naturalidade, até hoje não descobriram se é doença ou se já nasce assim, mas essas pessoas não podem achar e nem se sentirem excluídas do seu contexto social. Eu entendo que cada um tem o direito de escolha e viver feliz como achar melhor, mas sem atrapalhar ou atropelar outras pessoas (Cecília, 50).*

No discurso da diretora da instituição a mesma diz compreender as relações de gênero com normalidade, ressaltando que os homossexuais não devem ser discriminados, nem excluídos do seu contexto social, porém ela encara a homossexualidade como sendo talvez uma doença, e remete a sexualidade há uma escolha própria do indivíduo.

A sexologia tentou definir as características básicas do que constitui a masculinidade e feminilidade como normais, e tentou catalogar a variedade de práticas sociais, porém a sexologia apenas colocou o tema em debate, mas a história social da heterossexualidade é muito mais complexa, não podendo ser descrita como um reflexo da literatura sexológica. (LOURO, 2013).

A discussão sobre a sexualidade se trata de um assunto recente. Antigamente embora a homossexualidade existisse, eram poucos os homossexuais que se assumiam como tal. A ideia era que a heterossexualidade era institucional, e todos deviam segui-la. Naquela época, muitos acreditavam que a homossexualidade era uma doença, que precisava de um tratamento. Hoje, com as novas discussões a cerca da sexualidade esse paradigma esta sendo quebrado.

Para saber sobre se a escola da oportunidade para professores fazerem projetos e ensinarem questões ligadas à diversidade sexual em sala de aula, achou-se necessário perguntar a Cecília como foi elaborado o projeto político pedagógico da escola? E se nele existe espaço para debater e incluir a temática de gênero e diversidade sexual.

*Foi elaborado através de planejamentos, assembleias com diretores e professores e toda equipe docente e conselho da escola. O projeto nós estamos estudando ele, e sempre tem abertura pra gente trabalhar com varias temáticas, cada mês se trabalha um tema diferente e dentro dos temas é trabalhado essa parte. Esse mês nós estamos trabalhando a ética. Nós temos um calendário de atividades que esses calendários são feitos no inicio do ano e vão sendo trabalhado de acordo com o projeto politico pedagógico da escola e de acordo com os temas (Cecília, 50).*

Percebe-se pelo discurso da diretora que os professores possuem abertura para realizar projetos sobre o tema que escolherem, o que já havia sido mencionado nas entrevistas realizadas com as professoras. Havendo essa abertura foi perguntando a diretora se a escola realiza algum projeto que inclua relações de gênero e sexualidade, e como funciona?



*Os professores das áreas, por exemplo biologia trabalha com essa temática, e também tem o macro-campo participação estudantil que também trabalha com essa parte, o professor elabora esse projeto e trabalha o ano letivo todo e no final do ano toso os projetos concorrem a um premio (Cecília, 50).*

Nota-se que a obrigação de tratar sobre o tema de gênero e sexualidade na escola na fala da diretora é arrematado a disciplina de biologia, mencionando também um macro-campo que é realizado na escola com o nome participação estudantil que trabalha com essa temática. Desse modo, perguntou-se: existe alguma disciplina específica que lide o conteúdo de educação sexual? E o que a escola pensa a respeito de disciplinas que abordem essa tema?

*Não, específica não. Na verdade quem trabalha com essa parte é o professor de biologia. Participação estudantil pode trabalhar uma vez ou outra. Mas quem geralmente mais trabalha essa parte são os professores de biologia. Como já falei anteriormente não existe uma disciplina específica que aborde. O professor de biologia é quem mais trabalha essa parte (Cecília, 50).*

Mais uma vez ficou notório na fala de Cecília, que ela remete a questão da disciplina que aborde a educação sexual a biologia. Porém os PCNs incluem a sexualidade no currículo escolar ligado não apenas ao fator biológico e, sim, a todas as outras áreas de conhecimento.

Nesse contexto, o ensino da sexualidade foi incluído no currículo escolar como um Tema Transversal, um assunto disperso no interior das várias áreas do conhecimento, perpassando por cada uma delas, e não mais vinculado somente ao biológico. Os PCNs tratam sobre como educar o corpo, “matriz de sexualidade”, abordam as “relações de gênero” e traz ainda questões relacionadas à “Prevenção às Doenças Sexualmente Transmissíveis / DST’s e AIDS”. Esta educação deve ocorrer a partir de um incitamento ao discurso sobre o sexo na escola, sendo que neste contexto sexo toma a configuração de relação sexual. (BRASIL, 1998, p. 331).

Nesse sentido, tomando a importância descrita nos PCNs sobre o ensino de sexualidade na escola, perguntou-se a diretora: Para você qual o papel que a escola deve desempenhar no que diz respeito a questões de gênero e sexualidade?

*A escola ela procura (pausa) a gente não pode ser contra, nem a favor, a gente vai trabalhando de acordo com a necessidade que vai*

*acontecendo, até porque esse povo eles não dão trabalho não (Cecília, 50).*

Falar sobre sexualidade na escola é de suma importância, observamos que os Parâmetros Curriculares Nacionais destacam o estímulo à reflexão dos jovens a partir da problematização de debates das diversas temáticas atuais da sexualidade, destacando ainda a necessidade de abordar questões sobre a prevenção de doenças sexualmente transmissíveis entre outros temas, tendo em vista, que a educação sexual é um campo amplo. Compreende-se com a fala da diretora que a mesma se encontra neutra, dizendo que não pode ser nem contra, nem a favor, isso é fundamental, já que a escola, e seus profissionais devem procurar ser livre de valores e crenças, para não acabar por reproduzir ainda mais o preconceito já existente.

Tendo em vista, que o professor é um formador de opinião e com o objetivo de saber de realmente os profissionais da escola agiam de forma neutra, questionou-se a diretora: Você presenciou atitudes discriminatórias ou de atenção exclusiva por parte de algum profissional da escola em relação a alunos que apresentem comportamentos que não são considerados adequados em relação ao seu sexo?

*Não, em relação aos profissionais não, nunca presenciei nada não. Se eles tem alguma opinião eles não demonstram (Cecília, 50).*

Fica explícito, dessa maneira, segundo o discurso de Cecília, que os educadores guardam para si seus próprios valores, no momento em que estão com seus alunos. O que é primordial, pois é necessário respeitar as diferenças, a diversidade de valores, crenças, e direito de expressar –se e assegurar a dignidade do ser humano, independente de sua orientação sexual, em síntese, todos devem ser respeitados.

Com a intenção de saber se entre os alunos prevalecia o respeito ou existia alguma forma de preconceito, ou até mesmo de bullying interrogou-se a diretora com a seguinte pergunta: você já presenciou no âmbito escolar que algum aluno(a) foi alvo de gozação por parte de colegas por apresentar comportamentos diferentes ao padrão heteronormativo?

*Já, eles tem muito assim, muitos não aceitam, mas quando a gente presencia, a gente chama, conversa e tem casos até que chamamos a família pra falar que ele esta desrespeitando, que é caso de bullying, a gente não pode ser contra, nem também a favor, se você tem sua*

*opinião, fique pra você, não precisa expor, ate porque você não tem que gostar, mas tem a obrigação de respeitar (Cecília, 50).*

Mais uma vez, Cecília ressalta a importância de ter uma postura neutra, e relata que sim, já presenciou discriminação por parte de alunos com outros alunos que são considerados diferentes do que a sociedade espera. Mas a mesma descreve que tomou as devidas providencias para que isso não se repetisse. Essa postura da escola é de grande importância para que o preconceito seja cada vez mais desnaturalizado e para que o alunado compreenda a necessidade de respeitar o próximo, independente de qualquer raça, cor, classe ou orientação sexual.

Desse modo, acreditou-se ser essencial perguntar a diretora sobre sua formação, se a mesma foi orientada como lidar com questões relativas à sexualidade e como ocorreu?

*Nas especializações que eu fiz, eu vi muito a parte da homossexualidade, do bullying, estudei a diversidade sexual que incluía tudo, cor, raça, gênero e eu vi que muitas pessoas (pausa) os estudiosos não sabem se vem do DNA ou é uma escolha do individuo. Existem casos de pessoas com medo da família que cometem suicídio, porque a sociedade infelizmente tem muito preconceito com essas pessoas que ao meu ver são diferentes. Eles mesmo se rotulam como diferentes, que é o caso de um aluno aqui da escola, que se veste diferente, pinta o cabelo de rosa, eu to dando o exemplo do que nos temos aqui enquanto escola, mas o tratamento com ele e com os outros devem ser iguais (Cecília, 50).*

Em seguida foi perguntado a Cecília se ela gostaria de acrescentar algo que considerasse importante, e a própria complementou:

*Eu acho que é importante não só a instituição, mas enquanto pessoa você ter conhecimento das causas, estudar essa diversidade, procurar respeitar né? Ate porque você também precisa ser uma pessoa esclarecida, como é que você vai falar de algo que você não conhece? Fica difícil, esse curso que eu fiz de relações humanas foi muito bom pra mim enquanto pessoa e profissional, pra mim aprender e aceitar muitas coisas que eu não compreendia. A psicologia faz com que você aceite, foi de muita relevância pra minha profissão esse curso que eu fiz. Eu não entendia essa parte da homossexualidade, eu não entendia essa parte da diversidade de culturas, e muitas vezes você critica por não conhecer e quando você conhece você passa a respeitar, você te que ter conhecimento de causa para pode compreender e aceitar as coisas como elas. (Cecília, 50).*

Percebe-se na fala da diretora que a mesma, diferentemente das professoras de sociologia e de biologia entrevistadas, teve acesso em sua especialização há um conhecimento sobre as diversidades sexuais, relatando que passou a compreender algo que antes não entendia. Por isso a importância de uma formação continuada, especializações e cursos que aprimorem os conhecimentos dos educadores, pois o mundo, as pessoas, os discursos vão mudando com o tempo, e o corpo docente deve estar atualizado para novas práticas educativas. Assuntos como a diversidade sexual que antes eram pouco discutido, hoje vem ganhando espaço, com grandes discussões no campo das Ciências Sociais, fazendo uma reflexão em torno dessa problemática e mostrando que a sexualidade não está somente ligada a questões médicas, psicológicas ou biológicas. Como destaca Campos (2009, p.40):

Conforme tem sido apresentada, a sexualidade não é somente biológica, mas carregada em seu bojo uma pluralidade de signos e significantes, implicando aprendizagens culturais e sociais, a exemplo dos diversos campos de conhecimento.

Torna-se fundamental, então, compreender a sexualidade levando em consideração não somente elementos naturais, esses devem estar entrelaçados com a esfera dos fatores biológicos, políticos, psicológicos, sociais e culturais. É preciso levar em consideração as crenças e os costumes do sujeito, suas culturas e o meio ao qual o indivíduo faz parte.

Na antropologia social e na sociologia, a sexualidade tem implicações com aprendizagens sócio- culturais, relevando uma verdade de um determinada cultura. Há um reconhecimento de diferentes padrões sexuais existentes no interior de uma mesma cultura e em outras (CAMPOS, 2009, p.40).

A sociologia constata que a sexualidade é um campo complexo e amplo, difícil de ser estudada, pois se refere a uma infinidade de causas e questões que estão implícitas na vida do indivíduo. Porém, sua observação é fundamental para compreender o quanto a sexualidade é importante na vida do sujeito e como essas relações estão associadas aos mais diversos fatores.

### 3.3 ENTENDIMENTO DOS ALUNOS SOBRE QUESTÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE NO ESPAÇO ESCOLAR

O conceito de gênero refere-se à construção social, cultural e política das diversas possibilidades de ser feminino e masculino. Assim, quando o indivíduo nasce a sociedade já tem meramente dividido diferentes papéis e funções sociais que é construído culturalmente como “coisas de homem e “coisas de mulher”. O adolescente quando inicia o Ensino Médio já tem determinados posicionamentos acerca de gênero, atributos que são designados a cada sexo, já sabem características “próprias” de seu sexo e o que podem esperar do sexo oposto.

Os meninos, assim como as meninas, vão preferir atividades que são determinadas e valorizadas pela sociedade de acordo com seu sexo biológico. As características, os papéis socialmente atribuídos, poderiam ser de qualquer indivíduo, só que a sociedade cria modelos que a maioria das crianças segue para que não se sintam excluídos. Desse modo, aos meninos e meninas são atribuídas brincadeiras, atitudes, roupas, cores, normas, cuidados, possibilidades e realidades diferentes. A primeira instância que incorpora essa divisão é a família e na escola esses padrões não são modificados.

Para compreender a visão dos alunos a cerca dessas questões, foi perguntado a eles o que os mesmos compreendiam por relações de gênero, responderam:

*Tipo relações sexuais, assim na sociedade de hoje tá muito discriminado tipo, mulher namorar com mulher e homem namorar com homem, por mim assim eu não tenho discriminação não, isso é normal, é do gênero da pessoa, se ela quer ser aquilo, ela tem que ser (Thiago).*

*Bem, a relação sexual dependentemente de quem seja homem ou mulher, eu acho isso uma escolha de cada um, então eu não tenho preconceito eu acho que depende de uma escolha de cada um e o que quer ser (Beatriz).*

*Eu entendo que é uma coisa super normal, diante da sociedade porque hoje ninguém vive só. (Mateus)*

*Muito fácil, gênero masculino, gênero feminino, mulher homem, normal (Pedro).*

*Tem o gênero masculino e o gênero feminino (Junior).*

Nas falas dos sujeitos entrevistados podemos perceber que associam o gênero como o masculino e o feminino e ressaltam a discriminação existente na sociedade e remetem a questão sexual como escolha do indivíduo. É perceptível que eles tem uma visão vaga sobre o que é de fato o gênero, o que é bastante compreensível, tendo em vista que os alunos nunca tiveram uma aula que abordasse de forma clara o assunto.

Seguindo com a entrevista foi perguntado aos alunos o que eles compreendiam por sexualidade:

*Eu acho assim, que é uma orientação sexual, porque tem o sexo masculino, feminino e tem outros gêneros que seriam pra essas outras pessoas que são homossexuais (João).*

*É, (pensa um pouco) uma pessoa que se atrai por outra pessoa independentemente do que seja mulher ou homem. (Beatriz)*

*Uma pessoa sentir super atraída por outra, seja ela do mesmo sexo ou não. (Mateus)*

*Eu podia dizer atração entre uma pessoa ou outra, sem importar o sexo da pessoa, é uma atração sexual, até por animais até isso eu já vi também é a sexualidade (Pedro).*

*Sexualidade é quando você sente uma atração pelo outro (Junior).*

*Acho que é uma atração física entre pessoas, seja do mesmo sexo ou não (Tamires).*

É possível constatar que na maioria das respostas os entrevistados agregam a sexualidade a atração física entre os indivíduos sejam do sexo adverso ou não. Semelhantemente como ressalta Giddens (2005), a sexualidade se transformou em uma dimensão para cada indivíduo explorar e moldar, a orientação sexual é uma atração sexual ou romântica por pessoas do sexo oposto ou do mesmo sexo. Desse modo, sentir atração sexual ou desejar uma pessoa é uma forma de expressão da sexualidade e da capacidade de amar do ser humano.

Para constatar o conceito dos educandos em relação a homossexualidade, perguntou-se aos próprios: qual sua opinião sobre a homossexualidade?

*Pra mim é normal, aquela pessoa assim, você não transforma aquilo vem do pensamento da pessoa, se você quer ser você pode ser e tem aqueles que não assumem, mas também não é fácil assumir porque a sociedade é preconceituosa (Thiago).*

*É, (pausa) como eu falei uma escolha, ele tem uma atração física ne? Eles se sentem atraídos e veem coisas que não veem numa mulher, eu acho isso (Beatriz.)*

*Eu acho que diante da sociedade é uma coisa bizarra pra maioria, mas pra mim é uma coisa normal, tendo respeito (Mateus).*

*Não sou a favor, sou contra não apoio nada, mas cada um tem sua escolha faça o que quiser, porque eu acho assim que se fosse pra*

*acontecer não haveria mulher ou haveria só um sexo, mas como tem o oposto, então tem uma coisa divergente ao natural, uma coisa quase que não normal. Por exemplo, se você for ver em física você vai ver o positivo e o negativo, são opostos, os opostos se atraem, então não apoio não, cientificamente não e religiosamente também não apoio, sou totalmente contra (Pedro).*

*Como nos estamos nesse mundo de hoje pra mim eu acho normal só que muita gente já mais idosa, não aceita essas coisas, diz que não é certo, não aceita de jeito nenhum. Os jovens de hoje tem muitos, mas assim a maioria dos jovens aceita, mas o pessoa mais velho não aceita, acho que isso é uma escolha de cada uma, mas tá tipo uma balança uns aceita e outros não, pra mim eu acho que cada um tem sua opinião, mas que tenha respeito (Júnior).*

*Ah (pausa) acho que hoje em dia isso é muito normal, eu mesma tenho amigos gays, e sou super de boa com eles, acho que não deveria existir preconceito, cada um tem o direito de viver como quiser (Pamela).*

*Eu não gosto e não aceito, acho que não deveria existir, mas já que tem né, tem que respeitar (Jéssica).*

Como podemos analisar através da fala deles alguns remetem a homossexualidade há uma escolha própria do indivíduo. Muitos dizem que acham uma coisa normal, e outros reproduzem o preconceito, alegando que não aceitam, o entrevistado Mateus destaca que para ele é normal, porem para a sociedade é algo bizarro. Thiago salienta que a sociedade é preconceituosa, talvez os alunos tenham essa postura por reproduzirem o que diz a sociedade em seu modelo heteronormativo, ou talvez pelo fato da religião ao qual pertencem não aceitarem a homossexualidade como é frisado na fala de Pedro.

Em seguida, foi perguntado aos mesmos: o que você acha de duas pessoas do mesmo sexo se beijarem?

*Pra mim eu vou achar nojento, porque pra mim não vai ser normal que é aquilo de costume né, mas eu vou ficar na minha mesmo, passar olhar e não dizer nada, se eles estão ali estão na deles (Thiago).*

*Em locais públicos eu não concordo, porque tem crianças, idosos e deve ter respeito deles principalmente, mas em outros lugares reservados tudo bem (João).*

*Bem, é estranho pra qualquer um, mas cada um tem suas opiniões, no caso eu tenho a minha que eu acho bastante esquisito, mas nada contra, eu tenho ate amigos homossexuais, não tenho preconceito nenhum (Beatriz).*

*Depende se for num lugar privado, tipo na casa deles de boa, mas tipo assim lugar aberto acho que não é respeitoso, porque vai ter pessoas que vai gostar e outras não vai gostar (Mateus).*

*É constrangedor, assim na escola em ambiente publico é constrangedor, mas em ambiente fechado pode ficar a vontade (Rafael.)*

*Se for em um lugar privado, tudo bem, agora se for em lugar público assim eu acho que é falta de respeito, homem e mulher já é normal já vem de muitos anos atrás, acho que a sociedade vai demorar um pouco pra poder aceitar isso, só que vai chegar um tempo que muita gente vai fazer isso e todo mundo vai aceitar (Junior).*

Questões como essas causam um certo estranhamento, por levarmos em conta o modelo que é adotado pela sociedade onde só é normal um casal heterossexual se beijarem em público. A maioria dos entrevistados consideram que o casal homossexual tem o direito sim, de se beijarem, porém em um ambiente fechado, privado e não em público, pois se um casal homossexual se beijarem em um ambiente popular, esse gesto é encarado como falta de respeito como podemos ver nas falas de Mateus e Junior.

É importante ressaltar, que essas ideias dependem do meio em que o individuo está inserido e da cultura ao qual ele pertence, na nossa cultura por exemplo, o modelo a ser seguido é o do casal heterossexual, causando uma certa abominação a tudo aquilo que for diferente desse padrão estabelecido.

Com o intuito de saber se os alunos acreditavam que a homossexualidade era uma escolha própria do individuo, foi perguntado a eles: Você acredita que as pessoas fazem opção pela sexualidade? Explique,

*Não, acho que não. Acho que vem do desejo mesmo, um negócio que fica atraindo (Thiago).*

*Não, eu acho que isso já vem desde pequeno, você já vem com essa escolha.” (Rafael)*

*Isso, sim acho que sim. Porque é o desejo dele que não gosta da mulher ou do homem, então ele tem a escolha dele, já que ele gosta. O pensamento dele não se atrai por aquela devida pessoa (Beatriz).*

*Sim, atualmente todo mundo tá escolhendo sua opção sexual, tá todo mundo sendo próprio de si mesmo, tá fazendo sua própria escolha, independente da sua religião não estão se importando mais com isso e nem com a sociedade, estão se importando só consigo mesmo, com o agora e não com o passado (Pedro).*



*As vezes sim, as vezes não. Tiramos hoje pelas novelas influenciada por uma certa emissora, passa cara beijando homem também, as vezes a pessoa ver e quer repetir o mesmo, não por ele querer e sim porque as vezes é modinha. Outras pessoas se sentem atraídas por pessoas do mesmo sexo (Mateus).*

*Algumas sim, outras não, porque as vezes pode nascer, um exemplo, você nasce, nasce mulher normal só que desde criança já tem seu jeito diferente das outras garotas, como gostar de jogar bola essas coisas, nasceu assim. Só que tem gente também que só porque ver outros se beijando, diz não agora eu vou experimentar esse aí quando é depois não vou experimentar esse, aí eu acho que é opção (Junior).*

*Sim, eu acho que eles escolhem, porque eu escolhi gostar de homem, e eles escolhem o que querem ser (Jéssica).*

É possível perceber nas respostas dos entrevistados que a maioria dizem que sim, que a homossexualidade é uma escolha, você faz uma opção entre ser heterossexual ou homossexual, o que segundo Giddens, 2005 é um engano, pois a orientação sexual diz respeito a atração sexual que o individuo sente por outro sujeito do mesmo sexo, dessa maneira não é uma questão de escolha, pois o individuo não escolhe por quem se apaixonar e nem por quem sentir desejo e atração.

Em algumas respostas podemos perceber que eles remetem a homossexualidade ao desejo sexual como na fala de Thiago, e em outras explicam que pode ser influencia de outras pessoas, de novelas, ou até mesmo por curiosidade que uma pessoa escolhe por ser homossexual, pois segundo os entrevistados Junior e Mateus, esta virando moda ser homossexual.

Quando foi perguntado se eles tinham preconceito contra pessoas homossexuais todos responderam a mesma coisa, vejam:

*Não, normal, até eu tenho amigos que são homossexuais (Thiago).*

*Não, tem até pessoas da minha família que assim, eu conheço porque tem um certo jeito, são familiares e eu respeito (João).*

*Não, não tenho nenhum preconceito (Beatriz).*

*Não, convivo com eles bem de boa (Pamela).*

*Preconceito eu não tenho, mas eu não gosto, não me sinto bem perto deles. Acho que eles não deviam ser assim, mas eu respeito e na minha sala tem um menino que é, eu não sou amiga dele, mas também não solto piada, nem mecho com ele (Jéssica).*

*Não, tendo respeito (Pedro).*

Todos disseram que não tinham preconceito contra pessoas homossexuais, porém se observarmos algumas falas anteriores alguns dizem que não apoiam, não acham correto, e isso já é uma forma de expressar o preconceito, que está tão presente em nós mesmos, que às vezes falamos coisas, e temos atos preconceituosos que nem percebemos. O indivíduo naturaliza os processos sociais, de uma maneira que as pessoas acabam agindo e achando que é normal estigmatizar o que é diferente e que isso não é uma forma de preconceito.

Perguntou-se aos discentes se sabiam o que era homofobia, e o que eles achavam sobre isso, responderam:

*Eu não vou mentir eu não sei o que é isso não (Thiago).*

*É a pessoa que tem fobia por homossexuais, assim o homossexual chega perto de você e você começa a rir, soltar piadinhas coisas desse tipo. Eu acho isso ridículo e patético (João).*

*Pessoas que tem como eu posso dizer, raiva obsessiva, ódio obsessivo, quer de qualquer jeito exterminar e por ai vai. Eu acho assim, que é uma falta de respeito muito grande com o próximo, porque cada um tem sua escolha, então tanto faz, a escolha dele não vai interferir nas minha escolhas, então não acho necessário isso (Pedro).*

*É uma pessoa que tem raiva da homossexualidade, do gay no caso né? Eu acho uma coisa sem precisão porque você vai ai fica com essa raiva todinha, quando você tiver um filho vai nascer do mesmo jeito e você vai ter que aceitar (Rafael).*

*Sei, uma pessoa que não gosta de gays, de lésbicas, de transexuais, que odeia, que as vezes pode chegar a morte por ele não gostar e as vezes pode ter em sua família e a família toda é homo fóbica, as vezes chega ate a morte. Eu acho que pra mim isso é uma besteira, de não aceitar o outro do jeito que ele é, porque ele tem como eu disse tem gente que não escolhe isso, tem gente que já nasceu com isso, então tem que respeitar a opinião de todos (Júnior).*

Apesar de alguns alunos não saberem do que se tratava a grande maioria tinha conhecimento sobre o que era de fato a homofobia que é um termo utilizado para identificar o ódio, a discriminação e a violência contra os homossexuais, os alunos explicam o que eles compreendem por homofobia e relatam que esse tipo de atitude é desnecessária e que deve haver sempre o respeito.

Para saber se os alunos achavam que os homossexuais deviam ter tratamento exclusivo ou devia ser excluídos do seu contexto social foi questionado a eles: Na sua

opinião, os homossexuais devem ser tratados diferentemente das demais pessoas com outras orientações sexuais?

*Não, deve se tratar de uma forma igual, as vezes o homossexual ele também acha que se sente excluído, diferente das demais pessoas e na verdade não são assim, as vezes eles se prestam a vítimas (João).*

*Todo mundo convive no cotidiano diariamente ne? Juntos independentemente que seja homossexual ou de outros gênero, então eu acho que isso é uma besteira, na minha opinião, ninguém deve ser escantilhado, deve todo mundo conviver igual (Beatiz).*

*Assim, nos vemos atualmente que eles querem ser os superiores, querem ser melhores que os outros, porque se eles são gente como a gente porque eles vão ter direitos especificamente pra eles? Isso não é certo, eles não são especiais, só porque eles tem uma escolha diferente, quer dizer que o mundo deve mudar por causa deles? Não concordo com isso. São todos iguais, não é que eles sofrem preconceito, é que a forma com que eles manifestam as suas escolhas, provoca reações não muito adequadas no momento, por exemplo, se uma pessoa já não gosta do que ele tá fazendo e ele por prazer provoca e faz isso, então ele tá procurando (pausa) tá cutucando onça com vara curta, deve ter o mínimo de respeito possível que ele possa conseguir (Pedro).*

*Tem que ser tratados igualmente aos outros, só que o pessoal que não aceita trata eles com mais agressividade com essas coisas, aí torna eles ser diferentes (Júnior).*

Como podemos analisar os educandos relatam que todos devem ser tratados igualmente, porém não é o que acontece na sociedade. João relata que às vezes os homossexuais, se fazem de vítimas, porém é preciso levar em consideração que a discriminação sofrida por eles esta presente no cotidiano. Na fala de Pedro fica nítido que ele considera que todos devem ter o mesmo direito, porém ninguém deve mudar suas opiniões por conta dos homossexuais. Na sociedade as pessoas são diferentes tem gostos, crenças e valores diferenciados, levando em consideração o gênero, este é construído socialmente, desde o momento que o sujeito nasce e se depara com uma sociedade já formada, se trata de uma questão cultural que está impregnado de tal forma nas pessoas que para que isso vá se modificando é necessário passarem muito tempo, e que a sociedade construa novos valores, quebrando esse paradigma existente.

Vejamos o que pensam os alunos sobre a união entre pessoas do mesmo sexo, e se eles concordam com a legalização do casamento entre homossexuais:

*Assim normal, no meu ponto de vista eu acho normal, mas pra sociedade não. Sim, porque (pausa) se eles se gostam vão querer se juntar, criar uma família e se casar (Thiago).*

*Eu acho isso normal, já pra os dias de hoje, mas legalizar o casamento não, porque teve alguns dias que os padres não admitem isso e realmente eu também não, porque eu sou muito católica então no meu ver seria homem e mulher, não dos mesmos sexos (Beatriz).*

*Eu acho que (pausa) uma coisa normal também, atualmente é super normal isso, a pessoa ver em quase todo lugar um homem com homem, mulher com mulher. Casamento não, porque ai já chega ser ate bizarro demais, é normal mas não pra se tornar uma coisa seria, se juntar tudo bem mas casar não porque ai já é uma vergonha pra Lei Brasileira, porque tem tantas coisas que a Lei Brasileira poderia fazer e não faz, pra que legalizar logo isso (Mateus).*

*Eu não concordo não, porque a base, como eu posso dizer a família ela tá constituída por um homem e uma mulher, mesmo que tenha amor, não tenha, mas família já tá dizendo é o masculino e o feminino, você não vê por exemplo uma família de bovinos, com um boi e um boi, não vai nascer nada dali. Então família já tá dizendo é a união de um sexo, do gênero masculino e feminino, eles querem como já aconteceu no Brasil, querem aprovar Lei da família homossexual, isso não é de acordo, eles tem que mudar o que precisa ser mudado e não o que não deve, por exemplo, a família não deve ser mudada isso é uma coisa que historicamente já vem acontecendo, não vai interferir em nada na vida deles, eles devem mudar o que precisa, por exemplo, a falta de respeito com eles. Não por exemplo fulano bateu em mim ele é preconceituoso ele vai pra cadeia não, mudar a falta de respeito, mas pra todos, por exemplo se eu que sou hetero xingar uma pessoa que também é hetero deveria ter a mesma forma de respeito, não se deve criar Leis só pra eles e sim pra toda a sociedade (Pedro).*

*O casamento não, porque a sociedade ainda não esta preparada par aceitar um casamento assim oficial porque podem ver, eles já não aceitam duas pessoas do mesmo sexo namorar, imaginem se for pra casar, eu acho que a sociedade não tá preparada ainda, mas vai chegar um dia que vai acontecer (Júnior).*

É importante ressaltar que na maioria das falas os alunos dizem que acham normal a união entre pessoas do mesmo sexo, porém sobre a legalização do casamento expressam não concordar, seja pelo fato da religiosidade como relata Beatriz, por achar que seria uma vergonha para a lei brasileira como pronuncia Mateus, por ser uma tradição a família, com um homem e uma mulher, como diz Pedro. Ou como ressalta Junior porque a sociedade ainda não está preparada para esse tipo de acontecimento.

“Como construção, a sexualidade difere de uma cultura para outra, uma vez que sociedades e grupos determinam limites, impondo o que é permitido ou não na vivência da sexualidade.” (CAMPOS, 2009, p.42)

No caso da cultura brasileira, o padrão exemplar a ser seguido é o de um casamento entre pessoas do sexo oposto, o modelo ideal é o de um homem e uma mulher casarem, terem filhos, constituindo assim uma família. Esses limites são impostos pela sociedade e tudo que foge desse paradigma é encarada como incomum.

Para sabermos se a família estava presente na vida de seus filhos, foi perguntado aos alunos qual a relação de amizade que os mesmos tinham com seus pais, e se eles já chegaram a conversar sobre assuntos relacionados a sexualidade?

*Não, nunca (Thiago).*

*Com minha mãe sim, já conversei agora com meu pai ele não fala muito sobre isso, e também por causa que o jeito dele não é de falar comigo sabe, mas minha mãe sim, ela fala que eu devo respeitar, ela tem a mesma opinião que a minha, de que tem q respeitar as atitudes deles e de uma certa forma, ter o respeito do homossexual com heterossexual e do heterossexual com o homossexual (João).*

*Já, eles falaram que o que eu quisesse ser, a minha escolha eles apoiavam. Eu sou heterossexual, ate já tenho compromisso (Mateus).*

*Eu não falo muito com meus pais sobre esse tema, porque meus pais já sabem muito bem minha escolha sexual, sabem como eu penso e sabem muito bem o que eu escolho da vida. Se eu escolho a opção sexual que não seja do agrado deles, eles não vai se importar muito, cada um tem sua escolha, o mesmo pensamento que eu tenho, eles tem também (Pedro).*

*Já, minha relação com meus pais, é aberta, eu tenho namorado e converso com minha mãe sobre ele (Pamela).*

*Não, meus pais são muito ignorantes, nunca falamos sobre esse assunto. (Jéssica).*

*Sim, eles me disseram que era uma escolha minha independentemente eles iam aceitar do mesmo jeito, mas mesmo assim eu não sou (Beatriz).*

Percebe-se que apesar de alguns pais estarem omissos na hora de conversar com seus filhos sobre assuntos relacionados à sexualidade, talvez por vergonha ou por não saberem como se expressar ao tocarem nesse assunto com seus filhos, a maioria relata que tem um bom relacionamento com seus pais, conversando em casa sobre essas questões, o que é muito importante, para a formação do individuo, pois além da escola, a família também tem um papel crucial para que os sujeitos compreendam o mundo a sua volta, desse modo, discussões como essas, na família se tornam primordiais para desnaturalizar o preconceito, diminuir a discriminação e para que os alunos tenham uma

maior percepção a respeito da sexualidade. E até mesmo para se sentirem mais seguros quanto a sua orientação sexual.

Com a intenção de conhecer a realidade dos alunos e saber se dentro da escola existia discriminação, perguntou-se aos educandos: Você já presenciou alguma prática de bullying com algum (a) colega homossexual da sua escola ou mesmo algum ato de discriminação por parte de algum professor da sua escola?

*Por professor não, agora por aluno já. Tem uns alunos na escola que são homossexual ai os alunos mesmo da escola fica discriminando chamando que ele é aquilo e acho que no pensamento dele ele não gosta (Thiago).*

*Por parte de alunos eu já vi, de professor não. Eu já vi assim eles algumas vezes chutando bolsa de aluno, que ele era homossexual, piadinhas essas coisas (João).*

*Já presenciei não com os professores, que eles já tem uma mentalidade bem avançada, então eles não vão faltar com respeito com o que já tá na sociedade a muito tempo, dos alunos é porque como eu posso dizer são retardados mentais, porque cada um tem sua escolha, então não tem muito o que dizer, são pessoas que não tem capacidade mental pra pensar bem nas suas próprias escolhas, porque se aquele individuo quer fazer o que ele bem quiser com seu corpo, a propriedade é dele, não vai interferir em nada no individuo oposto. Eu já presenciei ate comigo mesmo, porque como eu tenho uma certa diferença, por exemplo, eu não falar com um jeito machista, ate eu mesmo já sofri, mas eu não to nem ai, porque minha opção sexual já ta definida então não to nem ai, do jeito que eu falo, do jeito que eu ando. Eu já sofri bullying por ser gordo, eu já sofri bullying por ser um pouco delicado demais, já sofri bullying por varias coisas e não to nem ai, as minhas escolhas e o jeito que eu sou não vai interferir em nada no individuo oposto a mim, então é simplesmente falta de respeito e falta de consideração com o próximo (Pedro).*

*Eu já presenciei por parte de aluno, que as vezes eles passa ai diz olha o viado, e exatamente não é chamado de viado, é gay ou homossexual (Mateus).*

*Só por parte de aluno, soltam piadas uns com os outros, mas professor não. (Tamires).*

*Por aluno sim, eles implicam com os alunos homossexuais, soltam piadas e eu acho isso chato (Jéssica).*

É notório nas falas dos entrevistados que todos relataram que nunca presenciaram discriminação por parte de professor, porem por parte de alunos sim. Isso

implica dizer que o preconceito esta presente na escola, gerando bullying e desigualdades no âmbito escolar. Desse modo, os adolescentes convivem com o preconceito diariamente na escola, e onde deveria ser o lugar que mais produzisse igualdade e respeito, acaba por ser ao contrario, reproduzindo o preconceito e a discriminação.

Com o intuito de averiguar se as configurações de gênero e diversidade sexual estavam sendo trabalhados com os alunos em sala de aula perguntou-se aos mesmos se alguma das disciplinas discutiam algum assunto relacionado à educação sexual e qual são elas, vejam as respostas:

*Não (pensa um pouco), acho que tem sim, biologia que trata do corpo humano e sociologia do pensamento (Thiago).*

*Educação sexual não, biologia tem essa parte de vida, de gênero essas coisas, mas de educação sexual não (João).*

*A gente teve semana passada aula de Sociologia, a professora passou o tema de movimentos sociais, movimentos LGBT, movimentos religiosos e outros movimentos, já tratamos bem sobre essa parte ai, a gente já tem uma certa noção de como funciona cada movimento, porque cada movimento eles implicam nos direitos pra si. Tem a professora, mas quem ministrou foram uns alunos da UFCG do PIBID (Pedro).*

*Discute, a matéria de biologia (Rafael).*

*Não to lembrada se já estudei isso (Tamires).*

Nota-se nas respostas que alguns alunos ficaram confusos, sem saber se realmente haviam estudado, ou em qual matéria teria visto o assunto ligado à sexualidade. Outros educandos comentam que é discutido na matéria de biologia e de sociologia, porém podemos perceber pela fala dos alunos que a discussão na matéria de biologia é relacionado ao corpo humano e na matéria de sociologia é discutido de uma maneira histórica por meio dos movimentos sociais. Omitindo assim, outras questões que permeiam a temática da diversidade sexual.

Com o propósito de identificar nas opiniões dos discentes em relação ao tema da sexualidade na escola perguntou-se aos mesmos: Você considera importante uma disciplina sobre educação sexual? Por quê? Obtiveram-se as seguintes respostas:

*Sim, porque nos que é aluno nos tem que saber o que tá mudando no mundo e tem que aceitar, não discriminar (Thiago).*

*Acho importante, porque você poderia educar de uma forma sobre essa educação, sobre o que é a sexualidade, mas não um negócio que eu vi que foi sobre uns kits que tinham como crianças fazendo sexo desde pequena, apareceu isso em muitos jornais, era o kit escolar, isso eu acho errado. Mas uma educação tipo que fale assim essa pessoa é homossexual você tem que respeitar já de criança eu acho importante (João).*

*Sim, eu acho que incentivaria os alunos a terem mais respeito, ate mesmo a pensarem melhor no desejado (Beatriz).*

*Assim, a mídia de hoje já esta tão avançada que acho não é necessário assim, pode ter uma disciplina que fale sobre, como eu posso dizer, não respeito porque respeito já tá muito repetitivo, se você quiser ter respeito você tem por vontade própria, podemos ter como eu posso dizer uma aula, ou se não uma palestra de vez em quando pra tentar, esclarecer essa ideia de escolhas, essas ideias de homossexualidade, sobre sexualidade. É importante, mas não tanto pra colocar uma matéria de sexualidade, pode ser explicado dentro das matérias de ciências naturais e ciências humanas, por exemplo sociologia já fala desse assunto, então poderia haver um evento ou uma reunião, pra comentar esse assunto, mas não uma matéria especifica só pra falar disso. Falar de sexualidade realmente é necessário, mas na situação que nos estamos hoje não precisa não, porque se você for falar pra uma criança como é que se faz um filho, ela já sabe porque a mídia hoje ela já passa essa ideia, ate na tv, então não acho necessário, biologia também já comenta bastante esse assunto de sexualidade e como funciona, então não acho necessário uma matéria especifica só pra falar de sexualidade (Pedro).*

*Acho que devia ser debatido, não todo dia na semana , mas uma, duas, três vezes porque nem todo mundo tem respeito, ai devia ser pra todos, só que as pessoas que são mais homo fóbicas iam se conscientizar mais (Júnior).*

*Acho importante, porque tem muita gente que tem preconceito e isso seria diminuído (Pamela).*

*Não, não acho importante, a gente já tem disciplinas demais (Jéssica).*

É possível identificar nas falas dos entrevistados que apesar de alguns não acharem importante uma matéria que trate sobre educação sexual, a maioria relata a necessidade de uma disciplina que aborde o conteúdo nas escolas de Ensino Médio, para desnaturalizar o preconceito, para que se tenha mais respeito com os homossexuais, para que as pessoas homo fóbicas se conscientizem sobre o assunto e para que os homossexuais não sofram tanta discriminação. Vejam quantos motivos importantes foram citados pelos alunos para que exista uma disciplina de educação sexual no âmbito escolar.



Nesse sentido, como última pergunta, questionou-se aos alunos: como você acha que deveria ser tratado o tema da sexualidade na escola? Vejam o que responderam:

*Eu acho que deveriam tratar de uma forma que educasse as pessoas para não ter preconceito, nem com sexualidade, com raça, cor, com sexo, com religião, eu acho assim, uma educação livre de preconceito (João).*

*Eu acho que deveria ser tratado como uma atividade diária que muitas vezes os alunos estão escolhendo, estão sempre buscando inovações, então eu acho que deveria ter aulas de motivação, então eu acho que uma aula sobre isso ajudaria os alunos a refletirem mais sobre a sexualidade e a serem contra a discriminação (Beatriz).*

*Acho que como tratar os colegas porque aqui tem muitos gays e lésbicas, ai tem que tratar todo mundo igual, porque um passa e fica xingando, acho que o dever da escola é conscientizar só que os alunos tem que por em prática pra isso não acontecer (Júnior).*

*Podia ser debatido com os alunos a importância do assunto, eu gostaria de aprender mais sobre isso, acho que seria muito legal (Pamela).*

Mais uma vez é destacado pelos alunos a importância das configurações de gênero e de diversidade sexual estarem presentes na escola para que o preconceito no ambiente escolar, seja encarado como uma realidade e assim sendo, que se ensine temas como estes com destino a conscientizar a todos, de forma que eles passem a ter mais respeito com as diferenças. Dessa forma, a escola precisa assumir esse compromisso, de ajudar o educando a criar sua identidade com temas esclarecidos e de suma importância para a construção social do indivíduo.

A instituição deve deixar de lado toda visão moralista na hora de ensinar, para não reproduzir o modelo definido pela sociedade, inibindo os adolescentes dos seus desejos e restringindo-as a uma única possibilidade de viver a sexualidade. Com isso, o adolescente encara a sexualidade como algo que deve ser escondido, controlado e principalmente evitado.

Ensinar sobre a sexualidade é preciso, e os professores devem eliminar todo tabu que envolve o assunto, e ensiná-lo em sua complexidade, ressaltando todos os conteúdos que envolvem o tema, como é destacado nos PCN's:

Com a inclusão da Orientação Sexual nas escolas, a discussão de questões polêmicas e delicadas, como masturbação, iniciação sexual, o “ficar” e o namoro, homossexualidade, aborto, disfunções sexuais, prostituição e pornografia, dentro de uma perspectiva democrática e

pluralista, em muito contribui para o bem-estar das crianças, dos adolescentes, e dos jovens na vivência de sua sexualidade atual e futura. (BRASIL, 1998, p.293).

Assim, os PCN's incitam a escola a refletir sobre o seu currículo, sobre as necessidades de sua comunidade escolar quanto à realidade de diversificar as práticas pedagógicas, pois rompem a limitação da atuação dos educadores em relação às atividades formais e ampliam um leque de possibilidades para a formação dos educandos.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escola, em sua função social, caracteriza-se como um espaço democrático que deve oportunizar a discussão de questões sociais e possibilitar o desenvolvimento do pensamento crítico. Para isso, faz-se necessário que o professor traga informações e contextualize-as, além de contribuir, oferecendo caminhos para que o discente adquira novos conhecimentos.

Nesse sentido, cabe à escola procurar ser alvo de transformação da sociedade, não podendo assim, deixar de assumir sua responsabilidade acerca da construção das identidades de gênero. Desse modo, é papel da escola, assumir um posicionamento acerca da formação dessas identidades, principalmente no intuito de desmistificar as diferenças que existem no cotidiano dos alunos. Assim também como o preconceito que está presente na sociedade.

A escola juntamente com os professores, como construtores do conhecimento, tem uma grande importância na construção da cidadania. Necessitam estar preparados para a diversidade dos modos de cada indivíduo viver sua sexualidade. Portanto, é necessário que o docente tenha formação específica e continuada para tratar sexualidade com adolescentes na escola. Além disso, deve se mostrar neutro, não emitindo suas concepções pessoais para os alunos, possibilitando a estes o desenvolvimento de atitudes coerentes com os valores que eles próprios elegeram como seus.

De acordo com os Parâmetros curriculares Nacionais (PCNs), as escolas devem instituir em seus currículos a disciplina de Educação Sexual. Esta ação se justifica por ser a escola o lugar onde permite que o discente tenha acesso a conhecimentos que devem ser transmitidos para ajudar na construção social do educando. Sexo e sexualidade, são assuntos cada vez mais emitidos pelos meios de comunicação de massa, e tornaram-se eminentes nas escolas e na vida dos sujeitos.

Um dos grandes desafios da sociedade, e principalmente da escola, é de transformar a realidade de desigualdades para uma realidade de respeito e solidariedade. É uma sociedade igualitária parte do aprendizado da convivência com as diferenças respeitando todas as formas de expressão da sexualidade.

A pesquisa buscou investigar de que maneira estava sendo trabalhado com os alunos questões de gênero e diversidade sexual e se existia tratamento discriminatório na Escola Estadual de Ensino Médio Inovador Integrado Educação Profissional José Leite de Souza.

Na escola campo de estudo foi possível perceber, através das entrevistas realizadas que a educação sexual não existe no ensino médio da escola acima citada, que muitos professores não foram preparados para lidar com essa problemática em sala de aula e tão pouco compreendem que o gênero é uma construção social, que está enraizado na cultura.

A respeito da sexualidade, as professoras expressaram que este termo está ligado às formas de prazer e de desejo que é inerente ao ser humano, apontando também que é uma escolha própria do indivíduo.

Apesar dos discursos das educadoras serem em defesa da diminuição dos preconceitos, as mesmas não demonstram muito interesse em ensinar seus alunos a respeitar as diferenças, alegando que na escola não existe discriminação. Porém, no discurso dos alunos e da diretora ficou claro que as desigualdades existem e estão presentes também no âmbito escolar e que o preconceito está presente das mais diversas formas, através da violência simbólica.

Um fato intrigante que acabou por chamar a atenção, foi a professora de sociologia desconsiderar a construção social que tange à sexualidade, afirmando que a homossexualidade é biologicamente determinada, enquanto a professora de biologia acredita que são culturalmente produzidas, talvez isso deva-se ao fato das educadoras não terem uma formação continuada e não terem estudado muitos assuntos relacionados à sexualidade em sua graduação, como elas relataram.

A maioria dos alunos que participaram das entrevistas citam que gostariam de ter uma disciplina de educação sexual, que acham importante que a temática da sexualidade seja trabalhada na escola de forma a envolver todos os alunos do ensino médio com o intuito de acabar com o preconceito e com as diferenças.

A pesquisa atingiu seu objetivo que era de conhecer a realidade dos alunos do ensino médio e saber as posturas dos educadores sobre as questões ligadas ao gênero, à diversidade sexual e ao preconceito.

É importante salientar que a escola como transmissora e produtora do saber social tem uma grande importância na construção da cidadania, pois esta é fundamental na mudança da concepção à respeito da igualdade entre os sexos e determinante na forma como os conteúdos sociais serão absorvidos pelo adolescente.

Constatou-se que a educação sexual nas escolas deveria ser trabalhada frequentemente como é proposto nos Parâmetros Curriculares Nacionais, é notório a necessidade de uma disciplina de educação sexual nas escolas de ensino médio, pois

trabalhar essas questões em sala de aula, poderá ajudar na construção social do educando, porém a realidade é outra, ficou só no papel.

Podemos perceber que a escola não está preparada para lidar com as questões ligadas a gênero e diversidade sexual, que o preconceito existe e como na sociedade também está presente na escola. A partir do diagnóstico é interessante sugerir que o docente tenha uma postura de professor pesquisador, inovando sempre seus conhecimentos, que incorpore o debate das questões de gênero, refletindo sobre a prática escolar na perspectiva de gênero, desenvolvendo trabalhos que abordem a sexualidade ou ainda debatendo sobre textos preconceituosos.

## REFERÊNCIAS

- BECKER, Howard Saul. **Outsiders: estudos de sociologia do desvio**. 1ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- BRASIL. MEC. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclo**. Apresentação dos temas transversais. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- CAMPOS, Kátia Patrício Benevides. **Relações de gênero no cotidiano escolar**. – Campina Grande: EDUFPG, 2009
- FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 1: A vontade do saber**, tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque. 1º ed. – São Paulo, Paz e Terra, 2014.
- FURLANI, Jimena. **Mulheres só fazem amor com homens? A Educação Sexual e os relacionamentos entre pessoas do mesmo sexo**. Pro-posições v.19, n.2 – Mai/Ago. 2008.
- GIDDENS, Antony. **Sociologia**; 4ºed./Porto Alegre: Artmed, 2005.
- GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. 4ed. Rio de Janeiro: LTC, 2008.
- GUIMARÃES, Valéria Maria Gomes. **Mulher de Batom Graxa e macacão: uma abordagem histórica acerca da presença da mulher no curso técnico de mecânica da Escola Técnica Federal da Paraíba**. Brasília, ano 15, nº 65. Jan/Mar 1995.
- LDB-LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL**, 2010. Ed 5º. Biblioteca Digital da Câmara dos Deputados. Centro de Documentos e informação. Coordenação de Biblioteca. Disponível em: <<http://bd.camara.gov.br>>
- LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. 6º ed. - Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
- LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 3ºed. - Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.
- ROSA, Maria Inês de Freitas Petrucci dos Santos. SCHNETZLER, Roseli **Pacheco A investigação-ação na formação continuada de professores de ciências**. v.9. Ciência & Educação, 2003.
- SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**, Educação & Realidade. Porto Alegre 16(2) p. 05 julho/dez 1989.

SILVA, Antônio de Pádua Dias. RIBEIRO, Maria Goretti. **Resumos dos estudos de gênero e de sexualidades na agenda contemporânea.** Campina Grande: EDUEPB, 2013.

## APÊNDICE



**APÊNDICE A:**

**Universidade Federal  
de Campina Grande**

CENTRO DE DESENVOLVIMENTO DO SEMIÁRIDO - CDSA  
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO DO CAMPO – UAEDUC

## **SOLICITAÇÃO**

Eu, Bruna Silvestre de Oliveira, venho muito respeitosamente solicitar a V.Sa. autorização para a coleta de dados para realização da pesquisa inicialmente intitulada, Gênero e Educação: A Diversidade sexual no Contexto Escolar, realizada como requisito para elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em Ciências Sociais, do Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido, da Universidade Federal de Campina Grande, sob orientação do Prof<sup>o</sup> Dr. Valdonilson Barbosa dos Santos.

A referida pesquisa utilizará como amostra a direção da escola, assim como dois professores e dez alunos do Ensino Médio da E.E.E.M.I.I.E.P. José Leite de Souza, com o objetivo de compreender de que maneira está sendo abordado o assunto de gênero e diversidade sexual na instituição.

---

Bruna Silvestre de Oliveira  
Aluna Pesquisadora

---

Valdonilson Barbosa dos Santos  
Professor Dr. Orientador

## APÊNDICE B: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCALRECIDO

Prezado (a) Sr.(a)

Eu, Bruna Silvestre de Oliveira, como aluna do Curso de Licenciatura em Ciências Sociais da Universidade Federal de Campina Grande/ Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido – Campus- Sumé-PB pretendo desenvolver uma pesquisa com professores e adolescentes que estudam na escola E.E.E.M.I.I.E.P. José Leite de Souza, com o objetivo de identificar de que maneira está sendo abordado o assunto: de gênero e diversidade sexual, pelos professores da instituição, sob a orientação do Prof<sup>o</sup> Dr. Valdonilson Barbosa dos Santos (pesquisador responsável).

O motivo que nos leva a estudar o assunto é conhecer a realidade dos alunos e evidenciar como esse assunto esta sendo tratado no âmbito escolar, assim como as concepções dos professores e da direção da escola a cerca de tal assunto. Os dados serão coletados para esta pesquisa através de entrevistas com a direção da escola, assim como com dois professores da instituição e em seguida, entrevistas individuais com doze alunos estudantes no Ensino Médio da escola.

Informamos que será garantido o direito ao anonimato, assegurando sua privacidade. Você será livre para retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária, pois não acarretará qualquer dano, nem custos para você. Esclarecemos que não será disponível nenhuma compensação financeira e que os dados contidos nesta investigação serão divulgados em eventos científicos da categoria e em periódicos.

Diante do exposto, reitero minha responsabilidade no referido estudo, através da assinatura abaixo:

---

Valdonilson Barbosa dos Santos

Fone: (83) 99686986

Consentimento do voluntário

Declaro que fui devidamente esclarecido (a) e admito que revisei totalmente e entendi o conteúdo deste termo de consentimento.

Eu, \_\_\_\_\_, aceito participar desta pesquisa desde que assegurado o anonimato. De minha parte o faço livre e espontânea vontade, não tendo sido forçado para tal, e ciente de que os dados serão usados pelo responsável pela pesquisa com propósitos científicos.

---

Assinatura do participante

Atenciosamente,

Endereço do pesquisador responsável (trabalho)

Rua Severino Marques de Oliveira, 64 – Renascer – Sumé-PB – Cep: 58540-000

Telefone para contato: (83) 99686986

E-mail: [valdonilson.santos@uol.com.br](mailto:valdonilson.santos@uol.com.br)/[valdonilson@ufcg.edu.br](mailto:valdonilson@ufcg.edu.br)

## APÊNDICE C: INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

### ROTEIRO DE CONDUÇÃO DE ENTREVISTA

#### DADOS PESSOAIS DO ENTREVISTADO

Idade

Cidade Natal

Escolaridade

Formação

Profissão

Tempo na docência

O que você compreende por relações de gênero?

O que se entende por sexualidade?

O que se entende por heteronormatividade?

Em sua formação, profissional você foi orientada como lidar com questões relativas a sexualidade? Como ocorreu?

Você acha necessário explicar aos alunos a relação de gênero e a diversidade sexual existentes nas sociedades?

Na disciplina que leciona, você já tratou de assuntos relacionados a gênero e sexualidade? Como Ocorreu?

Você acredita que as relações de gênero e diversidade sexual são biologicamente determinadas, ou culturalmente produzidas?

Na sua opinião, o que você acha das questões abordadas sobre casal homossexual que fez parte do elenco da novela da Rede Globo? Já aconteceu alguma discussão em sala de aula sobre esse assunto? Como foi?

Para você qual o papel que a escola deve desempenhar no que diz respeito a questões de gênero e sexualidade?

No projeto pedagógico da escola existe espaço para debater e incluir a temática de gênero e diversidade sexual?

Existem diferenças no desempenho escolar entre alunos e alunas? Se sim, o que você considera ser a causa desses desempenhos?

Como deve ser tratamento destinado aos alunos?

Existem implicações de classes, raças, gênero e sexualidade na maneira de lidar com os alunos?

Você já presenciou atitudes discriminatórias ou de atenção exclusiva por parte de algum profissional da escola em relação a alunos que apresentem comportamentos que não são considerados adequados em relação ao seu sexo? Como ocorreu?

Você já presenciou no âmbito escolar que algum aluno(a) foi alvo de gozação por parte de colegas por apresentar comportamentos diferentes?

Você gostaria de acrescentar alguma coisa que considere importante?

## APÊNDICE D: INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

### ROTEIRO DE CONDUÇÃO DE ENTREVISTA

#### DADOS PESSOAIS DO ENTREVISTADO

Idade

Cidade Natal

Escolaridade

Formação

Profissão

Tempo na docência

Como ocorreu o processo de inserção da Educação Integral na Escola? E em que ano foi inserida?

O que você compreende por relações de gênero?

O que se entende por sexualidade?

O que se entende por heteronormatividade?

Em sua formação, profissional você foi orientada como lidar com questões relativas a sexualidade? Como ocorreu?

Como foi elaborado o projeto político pedagógico da escola?

No projeto pedagógico da escola existe espaço para debater e incluir a temática de gênero e diversidade sexual?

A escola realiza algum projeto que inclua relações de gênero e sexualidade? Como funciona?

Para você qual o papel que a escola deve desempenhar no que diz respeito a questões de gênero e sexualidade?

Existe alguma disciplina específica que lide com o conteúdo de educação sexual?

O que a instituição pensa a respeito de disciplinas que abordem o tema de gênero e diversidade sexual?

Como os relacionamentos afetivos e sexuais, entre pessoas do mesmo sexo, são representados nos artefatos pedagógicos da escola?

Você já presenciou atitudes discriminatórias ou de atenção exclusiva por parte de algum profissional da escola em relação a alunos que apresentem comportamentos que não são considerados adequados em relação ao seu sexo? Como ocorreu?

Você já presenciou no âmbito escolar que algum aluno(a) foi alvo de gozação por parte de colegas por apresentar comportamentos diferentes ao padrão heteronormativo?

Você gostaria de acrescentar alguma coisa que considere importante?

**APÊNDICE E: INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS**  
**ROTEIRO DE CONDUÇÃO DE ENTREVISTA**

DADOS PESSOAIS:

Sexo: M ( ) F ( )

Idade:

Serie: 2º ano ( ) 3º ano ( )

O que você entende por relações de gênero?

O que você compreende por sexualidade?

Qual a sua opinião sobre a homossexualidade?

O que você acha de duas pessoas do mesmo sexo se beijarem?

Você sabe diferenciar bissexualidade, homossexualidade, transexualidade e heterossexualidade? Explique.

Você acredita que as pessoas fazem opção pela sexualidade? Explique

Você tem preconceito em relação a pessoas homossexuais?

Você tem amizade com pessoas homossexuais?

Você sabe o que é homofobia? O que você acha disso?

Na sua opinião, os homossexuais devem ser tratados diferentes das outras pessoas, ou todos devem ter os mesmos direitos e deveres?

O que você acha da união entre pessoas do mesmo sexo?

Você concorda com a legalização da união entre pessoas do mesmo sexo?  
Por quê?

Qual sua relação de amizade com seus pais, vocês já conversaram sobre assuntos relacionados à sexualidade?

No mês de Outubro, foi anunciado por meio de redes sociais que haverá a primeira Parada Gay na cidade de Monteiro e isso gerou bastante repercussão nos habitantes da cidade, o que você acha sobre isso, você é contra ou a favor que exista a Parada Gay em Monteiro?

Você já presenciou alguma prática de bullying com algum (a) colega homossexual da sua escola ou mesmo algum ato de discriminação por parte de algum professor da sua escola? Caso a resposta for afirmativa, você pode relatar?

Alguma das disciplinas discutem algum assunto relacionado a educação sexual? Quais?

Você considera importante uma disciplina sobre educação sexual? Por quê?